Recém-desencarnados: alimentação e repouso

IMAGEM: JBatista - Midjourney

Paulo Neto

Recém-desencarnados: alimentação e repouso

(Versão 13)

"*Negar o que se desconhece, por se não encontrar à altura de compreender o que se nega, é insânia incompatível com os dias atuais.*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*O homem propende muitas vezes a julgar os fatos segundo o horizonte acanhado de seus preconceitos e conhecimentos.*" (LÉON DENIS)

"*A verdadeira força da compreensão consiste em não deixar o que sabemos confundir o que não sabemos.*" (RALPH WALDO EMERSON)

Paulo Neto

Copyright 2024 *by*
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://espiritismoemfoco.com/wp-content/uploads/2023/12/O-que-sao-Espiritos-encarnados-desencarnados-e-errantes-.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto

site: https://paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2024.

Sumário

Prefácio.....4

Introdução.....9

Espíritos com a missão de ajudar aos retardatários.....13

Os encarnados em orbes mais evoluídos que a Terra.....27

O maná.....33

Nas obras da Codificação o que se pode relacionar com a alimentação.....43

A questão da alimentação nas pesquisas e/ou revelações após Século XIX.....84

Informações através do médium Chico Xavier.....116

Será que, de fato, os Espíritos recém-desencarnados dormem ou repousam?.....141

Conclusão.....168

Referências Bibliográficas.....179

Dados Biográficos do autor.....184

Prefácio

> *“E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber.”* (Paulo: Coríntios, 8:2)

As páginas do livro ***“Recém-desencarnados: alimentação e repouso”*** *é campo fértil a semear ensinamentos enobrecedores e clarificantes* e destaca mais uma vez a competência e a dedicação de ***Paulo Neto*** seu autor que, usando de sua costumeira metodologia de expor em suas obras os resultados de cuidadosas e aprofundadas pesquisas sobre os assuntos por ele tratados com seriedade e objetividade, convida-nos às reflexões tão necessárias para um perfeito e seguro entendimento das soberanas Leis Divinas.

Paulo Neto tem se mostrado um dedicado estudioso de temas que não são tão bem abordados e muitas vezes até mal explicados por supostos conhecedores da doutrina espírita, que sem o

exigido cuidado e a imprescindível responsabilidade para com a doutrina espírita, simplesmente falam de seus achismos sem a fundamentação necessária que um assunto dessa importância solicita, confundindo mais que esclarecendo.

Aproveito o ensejo para fazer uso das palavras do próprio autor com as quais concordo plenamente: ***“Nesse ebook, estaremos diante de mais dois temas que engendram intermináveis polêmicas no meio espírita em terras tupiniquins. A interpretação equivocada de algumas respostas dos Espíritos superiores sempre dão origem a dissensões acirradas, algumas vezes, vemos que a urbanidade passou longe. Há também aqueles que, infelizmente, querem que todos compreendam os inúmeros pontos doutrinários exatamente com a visão acanhada que possuem, que nos desculpem a sinceridade.”***

Lendo atentamente cada capítulo que compõe esta obra, podemos extrair valiosas lições sobre a vida na Terra e na erraticidade para encarnados e desencarnados e nos convencer de que é uma

constante busca pelo aprimoramento intelectual, moral e espiritual, exigindo de cada indivíduo o esforço diário na luta por superar a si mesmo. Os fundamentos contidos nesta primorosa obra em muito nos ajudarão a realizar nossos objetivos de crescer e progredir, enfrentando de maneira mais responsável, consciente e confiante os desafios do processo educativo rumo a conquista da pureza espiritual a que estamos destinados.

Sendo Deus a Inteligência Suprema causa primária de todas as coisas, é mais que natural que sabe que seus filhos, recém-desencarnados ainda precisarão de alimentação e repouso e não os deixaria sem os suprimentos dessas suas necessidades, naturalmente que essa alimentação, deve ter a semelhança dos que lhes eram usuais na Terra, mas certamente produzidos de matéria peculiar ao Mundo dos Espíritos e de acordo com o organismo perispiritual de cada criatura, conforme a abundância de argumentos contidos neste livro.

É inegável reconhecer que o estudo de obras como essa tão bem elaborada pelo consagrado escritor e pesquisador **Paulo da Silva Neto**

Sobrinho, que de costume inicia suas pesquisas pela codificação Kardequiana, e somente depois se utiliza das obras complementares de autores diversos de reconhecido conteúdo doutrinário, apresentando dessa forma material farto que serve para que cada leitor, possa tirar suas próprias conclusões, visto que o próprio autor da obra não se considera em nenhum momento como o dono da verdade ou como se estivesse dando a última palavra sobre o referido assunto.

Rogamos a Deus conceda ao prezado amigo Paulo Neto, saúde e disposição para que ele continue com seu brilhante trabalho e nos conceda a satisfação de contar com outras preciosas joias doutrinárias através desse seu digno servidor.

Resta-me agradecer pela felicidade que me proporcionou mais uma vez o querido amigo escritor e pesquisador Paulo Neto, com a honra de prefaciar ***"Recém-desencarnados: alimentação e repouso"***, com estas simples palavras que consagram o meu reconhecimento ao seu excelente trabalho de esclarecimento de mais um dos diversos e polêmicos temas por ele abordados sempre à luz

da doutrina espírita.

Francisco Rebouças.

Niterói, 28 de junho de 2024.

Nota: O sublinhado e o negrito são do próprio autor.

Introdução

Nesse ebook, estaremos diante de mais dois temas que engendram intermináveis polêmicas no meio espírita em terras tupiniquins.

A interpretação equivocada de algumas respostas dos Espíritos superiores sempre dão origem a dissensões acirradas e, algumas vezes, vemos que a urbanidade passou longe.

Há também aqueles que, infelizmente, querem que todos compreendam os inúmeros pontos doutrinários exatamente com a visão acanhada que possuem, que nos desculpem a sinceridade.

Por outro lado, temos uma boa parte que, tal e qual à maneira dos teólogos fanáticos, afirmam que não existe Espiritismo fora das obras de Allan Kardec (1804-1869). Teríamos várias falas do Codificador para lhes apresentar, mas ficaremos apenas com estas duas:

1) ***Revista Espírita 1865***, mês de agosto, artigo “O que o Espiritismo ensina”:

> [...] O Espírito humano poderia absorver sem cessar ideias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso antes de reproduzir? **Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se identificar com elas e de aplicá-las?** Deus seria, pois, menos previdente e menos hábil do que um professor? **Em todas as ideias novas devem se encaixar nas ideias adquiridas**; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio. ([1]) (Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos; quando não forem, avisaremos.)

2ª) ***Revista Espírita 1867***, mês de abril, artigo “Manifestações espontâneas – Moinho de Vicq-Sur-Nahon”:

> [...] **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**,

> todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. [...]. ([2])

Portanto, não podemos engessar o Espiritismo, procedendo conforme fazem os extremistas das crenças religiosas cristãs tradicionais que não admitem nenhuma revelação divina além daquelas que constam na Bíblia.

Julgamos ser oportuno relembrar o filósofo, educador e teólogo brasileiro Huberto Rohden (1893-1981) que, em ***Lampejos Evangélicos***, a respeito desse tipo de crença, objetivamente, afirmou:

> Ora, **poderíamos admitir que**, no longuíssimo **período anterior ao tempo de Abraão, Isaac e Jacó, Deus nada tenha tido a dizer à humanidade**? E, que **pelo ano 110 da era cristã, tenha "fechado o expediente"**, à guisa de um funcionário público ou burocrata do século XX?... ([3])

O bom senso e a lógica, não se coadunam com fanatismo, portanto, vamos deixá-los de lado para abrir porta ao desenvolvimento progressivo do Espiritismo.

Foi exatamente nesse sentido que J. Herculano Pires (1914-1979) disse: "*Do ponto de vista espírita, um fanático espírita, é uma aberração, porque o Espiritismo é uma doutrina racional, que não comporta fanatismo.*" ([4])

Se você, caro leitor, encontrar alguma fonte diferente das que nós utilizamos para tratar dos temas aqui desenvolvidos, lhe pedimos a gentileza de nos informar via e-mail: paulosnetos@gmail.com.

Espíritos com a missão de ajudar aos retardatários

Julgamos que dentro do contexto dessa nossa pesquisa esse é um ponto importantíssimo que precisa ser esclarecido.

Da obra ***A Crise da Morte*** (1930), de autoria do pesquisador italiano Ernesto Bozzano (1862-1943), citaremos o caso XI, sobre o qual ele informa: "*O episódio seguinte foi extraído de um longo estudo de Federico Myers sobre as experiências do reverendo William Stainton Moses (*Proceedings of the S.P.R., vol. XI*, pág. 87)*". Esse volume dos Anais da S.P.R. foi publicado no ano de 1895. Destacamos o seguinte trecho de uma fala do Espírito Wilberforce:

> "A partir do momento em que abandonei o mundo dos vivos, **dediquei-me intensamente a aprender aquilo que devia constituir a minha tarefa espiritual nesta existência de constante progresso**, de elevação sublimada à qual estou destinado. A essa

> altura, com a ajuda dos meus ‘guias’, **eu já passei pela primeira Esfera espiritual em que moram aqueles que continuam vinculados pelo amor aos vivos, assim como todos aqueles que ainda não estão preparados para se elevar espiritualmente além da primeira Esfera celeste.** Ali encontrei muitas almas que eu conheci em vida, e através delas tomei conhecimento de muitas noções que eu precisava urgentemente conhecer. **Por algum tempo, a minha tarefa será análoga, ou seja, terei de me esforçar por instruir os recém-chegados até eu amadurecer e poder alcançar, então, a Esfera espiritual que a mim está destinada**. Assim, manifestei-me a você com o objetivo de instruí-lo com esta mensagem de conforto e de consolo. Mantenha o espírito bem-disposto, meu amigo: o futuro que nos espera é radioso! ([5])

A impressão que tivemos com a frase “*terei de me esforçar por instruir os recém-chegados*” é que Espíritos, já com um certo conhecimento a respeito da vida no além-túmulo, são “recrutados” para assumirem a tarefa de esclarecimento aos recém-chegados ao mundo espiritual.

Ainda em ***A Crise da Morte***, é oportuno

também citarmos estes dois seguimentos do caso XX – selecionado da obra de William Stead, *Letters from Julia*:

> 1º) "Quando o espírito levanta-se do corpo, **é recebido e assistido pelos familiares e pelos amigos mais queridos**. Algumas vezes, entretanto, antes que isso aconteça, há um intervalo de tempo mais ou menos longo, e este foi o meu caso. [...]. ([6])
>
> 2º) "... Há desencarnados que, pelas condições em que se dá a passagem, **encontram-se momentaneamente atirados e sozinhos em um mundo desconhecido e estranho**, o que lhes causa uma certa sensação de medo, por pensarem na possibilidade de se deparar com algum ser hostil. Ora, é **nestas circunstâncias que intervêm os seus 'anjos da guarda'**, dos quais já tive oportunidade de falar. Pelo que me foi dado verificar, **esses 'mensageiros do amor' interferem em favor de todos os recém-chegados ao mundo espiritual, no sentido de que não há distinção entre bons e maus. Todos os espíritos que desencarnam são assistidos pelos seus 'anjos da guarda'**, com a diferença de que os maus não os percebem. Apenas os desencarnados normalmente bons podem

> aproveitar conscientemente as suas sugestões e perceber constantemente a sua presença... Ao contrário, os outros a ignoram, e **quando os 'anjos da guarda' tentam aproximar-se deles para iniciar a sua redenção, eles não os veem, não os sentem e nada percebem**. Entretanto, assim mesmo os 'anjos da guarda' vigiam amorosamente aquelas pobres almas extraviadas que padecem de intensos sofrimentos morais, necessários quando se quer limpar as manchas impressas em suas almas por uma existência encarnada em que não deram amor. [...]." ([7])

Observa-se que os recém-desencarnados são auxiliados por Espíritos mais elevados. Isso demonstra que Deus não deixará ninguém desamparado. Por outro lado, já temos uma ideia de que a vida no plano espiritual é plena de atividades.

Vejamos este trecho interessante do capítulo "I – As regiões inferiores do Céu", do livro ***A Vida Além do Véu*** (1921), autoria do Rev. George Vale Owen (1869-1931), do diálogo ocorrido em 27 de setembro de 1913 com o Espírito de sua mãe:

> Fomos chamados a certa região, onde

> deveriam reunir-se muitas criaturas de diversos credos e países. **Ao chegar, percebemos que uma falange de Espíritos missionários acabava de voltar de sua missão periódica às regiões limítrofes da esfera terrestre**. **Trabalhavam aí junto a Espíritos recém-chegados, que não haviam ainda compreendido terem atravessado já a linha divisória entre a Terra e o mundo dos Espíritos**. **Muitos foram esclarecidos e trazidos para aquele ponto, a fim de se poderem reunir a nós** e fazerem um voto de agradecimento, antes de irem para as casas que lhes eram destinadas. Tinham diversas idades, pois os velhos ainda não haviam progredido o suficiente para se tornarem novamente moços e vigorosos, e os moços não tinham ainda podido alcançar completo desenvolvimento. Achavam-se possuídos de feliz expectativa, e, ao verem chegar, uns após outros, os grupos dos seus novos companheiros desta vida, observavam com a maior surpresa os seus rostos e as diferentes cores de suas roupagens, segundo a sua ordem de adiantamento. ([8])

A falsa ideia de que na dimensão espiritual ficaremos sem fazer absolutamente nada a não ser ficar ouvindo "*anjos tocando harpa*" ([9]) é compatível

com a crença de teólogos dogmáticos, porém, no Espiritismo sabemos que, no além-túmulo, as atividades e ocupações dos Espíritos é algo totalmente diferente disso, os mais elevados ajudam os retardatários, tarefa que fazem por amor.

Em ***Depois da Morte*** (1891), autor Léon Denis (1846-1927), na Parte Quarta – Além-túmulo, encontraremos o capítulo XXIV intitulado "A erraticidade", do qual transcrevemos o seu último parágrafo:

> O ensino dos Espíritos sobre a vida de além-túmulo faz-nos saber que **no espaço não há lugar algum destinado à contemplação estéril, à beatitude ociosa**. Todas as regiões do espaço estão povoadas por **Espíritos laboriosos**. Por toda parte, bandos, enxames de almas sobem, descem, **agitam-se no meio da luz ou na região das trevas**. Em certos pontos, **vê-se grande número de ouvintes recebendo instruções de Espíritos adiantados; em outros, formam-se grupos para festejarem os recém-vindos**. [...] **Espíritos luminosos**, mais velozes que o relâmpago, **rompem essas massas para levarem socorro e consolação aos desgraçados que os**

> **imploram**. **Cada um tem o seu papel e concorre para a grande obra, na medida de seu mérito e de seu adiantamento**. O Universo inteiro evolui. Como os mundos, os Espíritos prosseguem seu curso eterno, arrastados para um estado superior, **entregues a ocupações diversas.** [...] **A imobilidade e a inação é o retrocesso, é a morte**. Sob o impulso da grande lei, seres e mundos, almas e sóis, tudo gravita e move-se na órbita gigantesca traçada pela vontade divina. ([10])

Temos aí a confirmação de que no além da vida os Espíritos jamais estão inativos, ao contrário, se ocupam com inúmeras atividades, entre elas a de ajudar os retardatários, cumprindo, obviamente, a vontade de Deus.

Na Codificação temos informações de que, em nosso retorno ao mundo de além-túmulo, seremos recebidos pelos parentes, amigos e os que, de uma forma ou de outra, se preocupam em nos orientar na caminhada evolutiva.

No livro ***O Que é o Espiritismo***, no capítulo “II – Noções elementares de Espiritismo”, temos:

153. *Encontra a alma no mundo dos Espíritos os parentes que ali a precederam?*

Não só os encontra, como também a outros muitos, seus conhecidos de outras existências.

Geralmente, **aqueles que mais a amam vêm recebê-la à sua chegada no mundo espiritual, e ajudam-na a desprender-se dos laços terrenos**.

Entretanto, a privação de ver as almas mais caras é, algumas vezes, punição para os culpados. ([11]) (itálico do original)

Em seu comentário à resposta da questão 569, de ***O Livro dos Espíritos***, o Codificador esclarece:

As missões dos Espíritos têm sempre por objetivo o bem. Seja como Espíritos, seja como homens, **são incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos**, [...].

Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se fizeram guias e protetores e dirigi-los, [...] Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a

> resguardar, quer no mundo físico, quer no mundo moral. O Espírito se adianta segundo a maneira pela qual desempenha a sua tarefa. ([12])

Além desses Espíritos, também há o nosso anjo da guarda, é bom lembrarmos.

Na ***Revista Espírita 1861***, mês de junho, no tópico “Dissertações e ensinamentos espíritas”, encontraremos a mensagem de Ferdinand, Espírito familiar, intitulada “A separação do Espírito”:

> […] Quando o princípio da vida orgânica se extingue, por um dos mil acidentes aos quais o corpo está sujeito, o Espírito se desliga dos laços que o retinham em sua prisão fétida, e ei-lo livre no espaço.
>
> Entretanto, ocorre que, quando ele é ignorante, e sobretudo quando é bem culpável, **um véu espesso lhe esconde as belezas da morada que os bons Espíritos habitam**, e ele se encontra só, ou na companhia de Espíritos maus e inferiores, […] **até que, num tempo mais ou menos longo, seus irmãos os Espíritos vêm esclarecê-lo sobre a sua posição, e lhe abrem os olhos para que se lembre do mundo dos Espíritos que habitou, e os**

> **diferentes planetas onde suportará as suas diversas encarnações**; [...]. ([13])

Será que nenhum deles, diante de uma situação desconfortável ao seu afeto, que pensa vier uma realidade viver, ficaria de braços cruzados sem fazer nada?

Na ***Revista Espírita 1860***, mês de fevereiro, foi publicado o artigo "História de um condenado", no qual, após o último diálogo com o Espírito de Castelnaudary, Allan Kardec acrescenta uma nota da qual transcrevemos o seguinte parágrafo:

> Esta evocação não foi o fato do acaso; como deveria ela ser útil a esse infeliz, **os Espíritos que velam por ele**, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, **julgaram que o momento chegara para lhe dar um socorro eficaz**, e foi então que prepararam as circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes. ([14])

Portanto, nenhum Espírito fica desamparado, o Criador, com Seu amor infinito, certamente, que

jamais deixará de auxiliar um Espírito que, por pura ignorância, esteja a caminhar por uma trilha equivocada.

Os que, por variados motivos, não forem ajudados em reunião mediúnica, por exemplo, serão por outros meios, pois, como muito bem disse o Codificador *“Deus não deixa ninguém esquecido”* ([15]).

Na mensagem sobre “A vida espiritual”, publicada na *Revista Espírita 1867,* o Espírito Leclerc, que Allan Kardec entendeu pertencer a uma hierarquia elevada, quase ao fim diz *“As legiões espirituais avançadas não têm senão um objetivo, o de se tornarem úteis aos seus irmãos atrasados para elevá-los até elas.”* ([16])

Na *Revista Espírita*, anos 1866 e 1868, há uma ocupação que vale a pena citar, para vermos até onde chega a ajuda dos Espíritos elevados.

Na *Revista Espírita 1866*, no tópico “Dissertações Espíritas”, item “Ocupações dos Espíritos” é esclarecido que *“Quando um Espírito se prepara para uma nova existência,* ***submete suas***

***ideias às decisões do grupo a que pertence**.”* ([17]), demonstrando que a ação deles é bem mais complexa do que podemos pensar. Mais à frente, transcrevemos com maior amplitude esse trecho.

O ponto importante desse fato é que existem Espíritos que têm por missão ajudar aos outros quando da nova encarnação, porém, não foi detalhado como fazem isso, demonstrando, que, de fato, muitas informações viriam posteriormente, com os que sucederiam ao Codificador, conforme ele mesmo disse.

Na ***Revista Espírita 1868***, mês de setembro, vamos encontrar uma mensagem enviada pela Sociedade Espírita de Bordeaux, datada de abril de 1862, da qual transcreveremos o seu 1º parágrafo com o seguinte teor:

> **A Terra** não tem alma [...]; ela as **tem por milhões que são os Espíritos encarregados de seu equilíbrio**, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, **da encarnação dos animais que sobrevivem, assim como a dos homens**. [...]. ([18])

A informação que não podemos deixar de ressaltar é sobre a existência de Espíritos encarregados da encarnação dos homens, bem como a dos animais. Acreditamos ser tema importantíssimo, que não foi explicitado nas obras da Codificação, mas, em relação aos homens, em obras posteriores, que é o ponto que aqui nos interessa, temos referências a esse trabalho dos Espíritos, obviamente, detentores de relativo grau evolutivo.

Em ***Slideshare***, Marta Gomes P. Miranda, publicou o material relativo "A reencarnação de Segismundo", do qual temos esta imagem ([19]), onde um grupo de Espíritos exercem essa atividade:

Sob o influxo magnético dos Construtores Espirituais, a forma reduzida de Segismundo é ajustada ao útero materno, terminando, assim, a operação inicial de ligação do processo reencarnatório.

Marta Gomes elabora o seu material com base na obra *Missionários da Luz*, ditada pelo Espírito André Luiz, via psicografia de Chico Xavier (1910-2002), na qual se detalha todo processo de ajuda dos Espíritos elevados a favor de Segismundo, candidato a nova encarnação.

Acreditamos que aqui não nos cabe contestar refutando essas informações do autor espiritual, pois, seguindo recomendação de Allan Kardec, preferimos aguardar outras fontes que as possam confirmar.

Os encarnados em orbes mais evoluídos que a Terra

Sim, em princípio, o assunto relativo ao título desse capítulo não teria nada a ver com aquele que desenvolveremos nesse ebook. Mas, há um porém...

É preciso ficar bem claro que "*Conforme o mundo em que é levado a viver, o Espírito toma um envoltório apropriado à natureza desse mundo.*" ([20]), ou seja, a cada situação específica Deus dá um corpo apropriado.

É por esse motivo que não podemos ter como referência o que conhecemos aqui na Terra como se fosse um padrão universal, valendo para todos os mundos, incluindo o mundo espiritual, onde à espera de nova encarnação vivem os desencarnados.

Podemos confirmar isso, em ***O Livro dos Espíritos***, com a seguinte questão que Allan Kardec propõe aos Espíritos:

> 710. ***Nos mundos em que a organização fisiológica é mais apurada****, os seres vivos precisam alimentar-se?*
>
> “Sim, mas seus alimentos guardam relação com a sua natureza. **Tais alimentos não seriam bastante substanciais para os vossos estômagos grosseiros**, assim como os deles não poderiam digerir os vossos alimentos.” ([21]) (itálico do original)

Ora, se em um mundo mais elevado, os alimentos são menos grosseiros, por que na dimensão espiritual, ambiente completamente diferente do que vivemos, caso nela existam alimentos, eles seriam iguais aos nossos? Somente por pura falta de lógica pode-se acreditar em tal possibilidade.

Bem claro e objetivo: *“[os] alimentos guardam relação com a sua natureza”*, ou seja, na realidade a qual vivem os Espíritos, sejam encarnados ou na condição de desencarnados, obviamente valerá essa assertiva.

Na ***Revista Espírita 1858***, mês de março, foi publicado o artigo “Júpiter e alguns outros mundos”

do qual transcrevemos o seguinte parágrafo das considerações de Allan Kardec:

> **A conformação dos corpos é quase a mesma desse mundo, mas é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica**. Ao passo que rastejamos penosamente na Terra, o **habitante de Júpiter** se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. **A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles**; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, **haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanações nutritivas**. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a Terra; a média equivale a cinco dos nossos séculos. O desenvolvimento também é muito mais rápido, e a infância dura

apenas alguns de nossos meses. ([22])

Na ***Revista Espírita 1862***, mês de agosto, temos a mensagem “O planeta Vênus”, assinada pelo Espírito Georges, cujo parágrafo inicial tem o este teor:

> **O planeta Vênus** é o ponto intermediário entre Mercúrio e Júpiter; **seus habitantes têm a mesma conformação física que a vossa**; o mais ou menos de beleza e de idealidade nas formas é a única diferença delineada entre os seres criados. **A sutileza do ar, em Vênus, comparável à das altas montanhas, torna-o impróprio aos vossos pulmões**; as doenças ali são ignoradas. **Seus habitantes não se nutrem senão de frutas e de laticínios; ignoram o bárbaro costume de se nutrirem de cadáveres de animais**, ferocidade que não existe senão nos planetas inferiores; em consequência, as grosseiras necessidades do corpo são destruídas, e o amor se enfeita de todas as paixões e de todas as perfeições apenas sonhadas sobre a Terra. ([23])

Do tópico “Instruções dos Espíritos”, publicado na ***Revista Espírita 1864***, mês de setembro,

destacamos estes parágrafos da comunicação, datada de 28/06/1864 e assinada “Um Espírito protetor”:

> *Pergunta a um Espírito protetor.* Poderíeis nos falar do estado das almas encarnadas nos mundos superiores ao nosso?
>
> *Resposta*. Tomo como ponto de comparação com o vosso, um mundo sensivelmente mais avançado, onde a crença em Deus, na imortalidade da alma, na sucessão das existências para alcançar a perfeição, são tantas verdades reconhecidas e compreendidas por todos, onde a comunicação dos seres corpóreos com o mundo oculto, por isso mesmo, é muito mais fácil. **Os seres ali são menos materiais do que sobre a vossa Terra, e não estão sujeitos a todas as necessidades que vos pesam**; formam a transição dos corpóreos aos incorpóreos. […] Com relação a vós, seriam perfeitos, mas da perfeição de Deus, estão ainda muito longe; lhes é preciso ainda mais de uma encarnação sobre diversas terras para terminar a sua purificação. […].
>
> […] não são inativos; mas **suas ocupações são diferentes das vossas; não tendo que prover às necessidades do corpo, provêm à do Espírito**; cada um compreendendo porque foi criado, está

> positivamente certo de seu futuro, e trabalha sem descanso para a sua melhoria e a purificação de sua alma.
>
> A morte ali é considerada como um benefício. **O dia em que uma alma deixa o seu envoltório é um dia feliz**. Sabe-se onde vai; passa-se primeiro para ir esperar mais tarde seus parentes, seus amigos e os Espíritos simpáticos que são deixados atrás de si. ([24]) (itálico do original)

Portanto, está comprovado que a constituição física dos habitantes de mundo superiores à Terra é bem diferente da nossa, consequentemente, a alimentação também segue por esse mesmíssimo caminho, sendo ela cada vez mais sutil.

O nosso grande problema está justamente aí, não temos um nível razoável de conhecimentos ou informações suficientes para entender todo o processo de alimentação desses mundos e nem como ocorre a sua possível excreção do corpo. Razão pela qual não é lícito aplicarmos o que ocorre conosco aqui na Terra.

“Como pode um peixe vivo viver fora da água fria?” ([25]), é bem o que se diz nessa cantiga popular.

O maná

Antes de apresentarmos o caso a respeito do maná, julgamos ser necessário rever algo que consta do capítulo “VIII – Laboratório do mundo invisível”, da Segunda Parte de ***O Livro dos Médiuns,*** tópico “Modificação das propriedades da matéria”, do item 128:

> 10. *Então o Espírito pode dar a um objeto não somente a forma, mas também propriedades especiais?*
>
> “Se o quiser. Foi baseado neste princípio que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Tereis provas da poderosa ação que **os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estais longe de suspeitar, como eu disse há pouco**.”
>
> 11. *Suponhamos, então, que quisesse* ***fazer uma substância venenosa****. Se uma pessoa a ingerisse, ficaria envenenada?*
>
> “Embora fosse **capaz de fazê-la**, o Espírito não o faria, porque isso não lhe é permitido.”

12. ***Poderá fazer uma substância salutar que sirva para curar uma enfermidade?*** *E já se terá apresentado algum caso destes?*

"**Sim**, muitas vezes."

13. *Então,* ***poderia fazer também uma substância alimentar?*** *Suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer: se alguém pudesse comera fruta ou a iguaria,* ***ficaria saciado?***

"**Ficaria, sim**; mas não procureis tanto para achar o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço onde viveis. Não sabeis que o ar contém vapores da água? Se os condensardes, eles voltarão ao estado normal. Privai do calor essas moléculas impalpáveis e invisíveis e elas se tornarão um corpo sólido e bem sólido; e, assim, muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais surpreendentes. É que **os Espíritos dispõem de instrumentos mais perfeitos do que os vossos**: a vontade e a permissão de Deus."

OBSERVAÇÃO – A questão da saciedade é aqui muito importante. **Como uma substância pode produzir a saciedade, se sua existência e propriedades são**

> **meramente temporárias** e, de certo modo, convencionais? O que acontece é que essa substância, **pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade**, mas não a saciedade que resulta da plenitude. **Desde que uma substância dessa natureza pode atuar sobre a economia e modificar um estado mórbido, também pode, perfeitamente, atuar sobre o estômago e produzir aí a impressão da saciedade.** Rogamos, todavia, aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não se sintam enciumados, nem creiam que os Espíritos lhes venham fazer concorrência. Esses casos são raros, excepcionais e nunca dependem da vontade. Se não fosse assim, todos se alimentariam e se curariam a preço baratíssimo. ([26])

Temos aí a explicação quanto a possibilidade dos Espíritos “fabricarem” alimentos que, embora “fluídicos”, causam sensação de saciedade aos encarnados que deles fizerem uso. Entretanto, eis o nosso ponto, é que não vemos nenhuma razão para também não os produzirem para “alimentar” os recém-desencarnados que ainda se encontram fortemente acorrentados às sensações da “carne”.

Mais à frente retornaremos à questão 13, pois ainda temos algo a dizer, mas não cabe aqui nesse ponto.

Na ***Revista Espírita 1859***, mês de agosto, no artigo “Um Espírito servidor” relata-se um fenômeno bem interessante:

> “Em 1856, **a terceira filha da senhora Mally**, com a idade de quatro anos, **caiu doente**, no mês de agosto. A criança estava constantemente mergulhada num estado de sonolência, interrompido por crises de convulsões. Durante oito dias, **eu mesmo vi a criança** parecendo sair do seu acabrunhamento, **tomar um rosto sorridente e feliz** e os olhos semifechados, sem olhar para aqueles que a cercavam, **estender sua mão, com um gesto gracioso, como para receber alguma coisa, levar à boca e comer**; depois agradecer com um sorriso encantador. **Durante oito dias, a criança foi sustentada por essa alimentação invisível, e seu corpo retomara sua aparência de frescor habitual.** Quando ela pôde falar, pareceu que ela saiu de um longo sono, e contou maravilhosas visões.” ([27])

Vê-se, portanto, que uma criança foi alimentada por oito dias por um alimento invisível, certamente, fluídico. Ora, por que não poderiam fazer o mesmo em relação para os Espíritos recém-desencarnados ainda apegados ao “prazeres da carne”?

Na reunião de 08 de julho de 1859, na Sociedade Espírita de Paris, registrada na ***Revista Espírita 1859***, ainda no mês de agosto, o Espírito guia da Sra. Mally foi evocado. Do diálogo, destacamos as três seguintes perguntas:

> 22. **Podeis nos explicar o que a jovem da senhora Mally recebia em sua mão e comia durante a sua doença?** – R. ***Maná*; uma substância formada por nós**, que encerra o princípio contido no maná comum e a doçura de um doce.
>
> 23. **Essa substância é formada com a mesma matéria das vestimentas e outros objetos que os Espíritos produzem** por sua vontade e pela ação que têm sobre a matéria? – R. **Sim, mas os elementos são muito diferentes**; as partes que formam meu maná não são as mesmas das que tomo para formar a madeiras ou uma vestimenta.

> 24. (**A São Luís**). O elemento tomado pelo Espírito, para formar o seu maná, é diferente daquele que tomou para formar outra coisa? **Sempre nos foi dito que não há senão um elemento primitivo universal, do qual os diferentes corpos não são senão modificações**. – R. Sim; quer dizer que **esse mesmo elemento primitivo esparso no espaço, aqui sob uma forma, e ali sob uma outra**; isso é o que ele quer dizer; **ele toma seu maná de uma parte desse elemento, que crê diferente, mas que é bem sempre o mesmo**. ([28])

"A jovem da senhora Mally", como assim? No original francês temos *"la petite fille de madame Mally"* ([29]), que julgamos ser mais coerente traduzir por "*a pequena filha*", exatamente, para corroborar a informação inicial de que era apenas uma criança com a idade de quatro anos. Ah!, esses tradutores...

É importantíssima a informação de que a substância foi formada da mesma matéria das vestimentas e outros objetos, provavelmente referência ao fluido cósmico universal, elemento primitivo esparso no espaço, embora os *"elementos são muito diferentes"*. Entendemos que é desse

mesmo elemento primitivo que se formam as variadas construções no mundo espiritual, negadas por uma boa parte dos espíritas “*made in Brazil*”.

Seguem mais algumas perguntas, que não vem ao caso mencioná-las, entretanto, é oportuno transcrevermos a nota de Allan Kardec:

> Esta comunicação nos oferece um complemento ao que dissemos nos dois artigos precedentes, sobre a formação de certos corpos pelos Espíritos. **A substância dada à criança, durante sua enfermidade, evidentemente, era uma substância preparada por eles e que teve por efeito dar-lhe a saúde.** Onde hauriram eles os princípios? No elemento universal transformado para o uso proposto. **O fenômeno tão estranho de propriedades transmitidas pela ação magnética, problema até o momento inexplicado, e sobre o qual se alegraram tanto os incrédulos, encontra-se agora resolvido**. Sabemos, com efeito, que não são apenas os Espíritos dos mortos que agem, mas que os dos vivos também têm sua parte de ação no mundo invisível: **o homem com a tabaqueira disso nos forneceu a prova**. **O que há de espantoso, pois, em que a vontade de**

> **uma pessoa agindo pelo bem possa operar uma transformação na matéria primitiva, e dar-lhe propriedades determinadas?** Está aí, em nosso entender, a chave de muitos dos efeitos pretendidos sobrenaturais, e dos quais teremos ocasião de falar. Foi assim que, pela observação, chegamos a nos dar conta das coisas, deixando-lhes a parte da realidade do maravilhoso. Mas **quem diz que essa teoria seja verdadeira?** Seja; ela tem pelo menos o mérito de ser racional e perfeitamente de acordo com os fatos observados; **se algum cérebro humano dela encontre uma que julgue mais lógica do que a dada pelos Espíritos, serão comparadas**; talvez, um dia, ficaremos contentes por termos aberto o caminho do estudo raciocinado do Espiritismo. ([30])

Como vimos, a substância que serviu de alimento à criança foi designada de “maná”, tendo como fonte o fluido cósmico universal, a mesma que dá origem a toda matéria que conhecemos, e até mesmo as por nós totalmente desconhecidas.

Na ***Revista Espírita 1867***, mês de março, temos artigo “Da homeopatia e as doenças morais”, do qual transcrevemos o seguinte parágrafo:

Não duvidamos, no entanto, que tais resultados tenham sido obtidos em alguns casos particulares, porque, para firmar um fato tão sério, é preciso ter observado; mas estamos convencidos de que se desprezou sobre a causa e sobre o efeito. **Os medicamentos homeopáticos, por sua natureza etérea**, têm uma ação de alguma sorte molecular; sem contradita, eles **podem, mais do que outros, agir sobre as partes elementares e fluídicas dos órgãos, e modificar-lhes a constituição íntima**. Se, pois, é racional admiti-lo, todos os sentimentos da alma têm sua fibra cerebral correspondente para a sua manifestação, um medicamento que agisse sobre esta fibra, seja para a paralisá-la, seja para exaltar-lhe a sensibilidade, paralisaria ou exaltaria por isto mesmo a expressão do sentimento, do qual seria o instrumento, mas o sentimento com isto não subsistiria menos. O indivíduo estaria na posição de um assassino ao qual se tirasse a possibilidade de cometer os crimes cortando-lhe os braços, mas que nisto não conservaria menos o desejo de matar. Seria, pois, um paliativo, mas não um remédio curativo. Não se pode agir sobre o ser espiritual senão pelos meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se o efeito acima fosse constatado, seria talvez de dominar mais facilmente o Espírito, de torná-lo mais flexível, mais dócil e mais acessível às

> influências morais; mas se embalaria de ilusões esperando-se de um medicamento qualquer um resultado definitivo e durável. ([31])

A nossa intenção ao transcrever esse trecho foi a de demonstrar que ainda que ingerirmos matéria bem sutil ela produz efeitos curativos em nosso corpo físico.

E a questão é: conhecemos esse processo? Porém, como nos aventuramos a tentar explicar coisas que têm como base a matéria grosseira como o parâmetro para as que fogem ao nosso conhecimento e, talvez, até mesmo à nossa compreensão?

Nas obras da Codificação o que se pode relacionar com a alimentação

O primeiro ponto que vamos abordar é quanto ao perispírito ter ou não órgãos, uma vez que é a partir disso que negam qualquer possibilidade de alimentação de Espíritos.

Não alongaremos muito, porquanto é um tema que foi abordado no ebook ***Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*** ([32]) , publicado em nosso site, bem como em ***Perispírito: Provas Científicas de ser Molde do Corpo Físico***, que, em breve, será publicado um livro impresso.

O médico e fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878) ([33]), considerado como o “pai” da moderna fisiologia experimental, desenvolveu o conceito da ideia diretriz para entender que o nosso corpo físico tenha uma aparência definida ao longo

da vida apesar da renovação de suas células.

Essa concepção será percebida por vários pesquisadores, como os que listamos neste quadro:

Ord.	Pesquisadores	Designações/teorias
01	Alexander Gurwitsch	Campo morfogenético
02	C. M. Child ([34])	Gradientes fisiológicos
03 04 05 06 07 08	Cientistas soviéticos F. Gibadulin N. Fedorova N. Shouiski N. Vorobev V. Grishchenko V. Inyushin	Corpo bioplasmático
09	Claude Bernard	Ideia diretriz
10	Conrad H. Waddington	Campo morfogenético
11	Ernesto Bozzano	Força organizadora
12	Eugênio Rignano ([35])	Energia biológica
13	Gabriel Delanne	Ideia diretriz ou diretora
14	Gerhard D. Wassermann ([36])	Campos M, B e Psi
15	Gustave Geley	Ideia Diretriz
16	Hans Driesch	Enteléquia

17	Hans Spemann ([37])	Organizador
18	Harold Saxton Burr	Campos de vida
19	Henri Bergson	Impulso vital criador ou Elan vital
20	Henrique Rodrigues	Campo estruturador da forma
21	Hernani G. Andrade	Campo biomagnético ou Modelo organizador biológico
22	Hippolyte F. Baraduc	Somod
23	Jacques Bergier	Campo organizador biológico
24	Paul Weiss	Campo biológico
25	René Thom	Matemáticas da morfogênese
26	Ross Granville Harrison	Campo morfogenético
27	Rupert Sheldrake	Campo morfogenético
28	Ludwig Von Bertalanffy	Teorias de desenvolvimento
29	Wolfgang Köhler ([38])	Gestalten

Nas materializações dos Espíritos teremos a confirmação da existência de órgãos. Quando elas ocorrem, o Espírito manifestante apenas torna tangível seu corpo etéreo, ou seja, seu perispírito, não o criando e nem lhe acrescentando, absolutamente, nada, até mesmo por absoluta falta de capacidade.

Ora, das várias materializações de que temos registros os Espíritos se apresentaram com: a) a cabeça (olhos, ouvidos, orelhas, nariz e boca), b) o tronco (braços e pernas). Se não podemos dizer que isso são órgãos, seriam o quê? Desconhecemos um argumento mais fajuto que esse.

Nessa imagem, temos à direita o sábio inglês William Crookes (1832-1919) e à esquerda o Espírito Katie King materializado ([39]). Será que é honesto negar que esse notável cientista que, por exemplo, auscultou o coração do Espírito Katie King bater, bem como lhe tomou o pulso para ver o ritmo e a frequência cardíaca?

Ademais, nas materializações uma boa parte dos Espíritos manteve diálogo com o pesquisador e também assistentes do fenômeno, o que só pode ter

ocorrido caso tivessem um aparelho fonador à semelhança do nosso.

Agora percebemos que faz todo o sentido isto que vimos nas obras da Codificação:

1ª) Na ***Revista Espírita 1858***, mês de julho, temos o relato do caso em que a imagem do Sr. Badet ficou gravada sobre a vidraça da janela, nela se distraia vendo os transeuntes na rua. Em 15 de julho de 1858, oito meses após seu desencarne, ele foi evocado na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, respondendo a várias perguntas, sendo a última aquela que nos interessa:

> 7. **Foi-nos dito há pouco que os Espíritos não têm olhos**; ora, se essa imagem é a reprodução do perispírito, **como ocorreu que ela haja podido reproduzir os órgãos da visão**? – R. O perispírito não é o Espírito; **a aparência, ou perispírito, tem olhos, mas o Espírito não os tem**. Eu vos disse bem, falando do perispírito, que estava vivo. ([40])

Levando-se em conta o que foi dito, pode-se dizer que o perispírito tem, sim, órgãos. Quem não

os tem é o Espírito propriamente dito. Entretanto trata-se, por óbvio, da opinião de um Espírito, que, como todos nós sabemos, não tem valor como ponto doutrinário.

2ª) Na ***Revista Espírita 1860***, mês de novembro, no tópico “Palestras familiares de além-túmulo” foi publicado o artigo “Baltazar, o Espírito gastrônomo”, do qual destacamos a seguinte questão proposta a esse Espírito:

> 3. – Falemos muito seriamente, peço-vos. Nosso propósito não é brincar, mas instruir-nos. Tende a bondade de responder seriamente às nossas perguntas e, se for necessário, servi-vos da assistência de um Espírito esclarecido.
>
> **Tendes um corpo fluídico, bem o sabemos. Mas dizei, nesse corpo há um estômago?** R – **Estômago fluídico também**, onde só os aromas podem passar. ([41])

É importante observar que todas as vezes que algum Espírito dava uma explicação equivocada o Codificador sempre fazia uma observação dizendo o que não estava correto, o que, no presente caso, não

ocorreu. Um pouco mais à frente, voltaremos a citá-lo, ampliando a transcrição, pois nela temos mais coisas interessantes.

Ah, sim! Poderão fazer referência à resposta da questão 254 de ***O Livro dos Espíritos***. Ótimo, vejamo-la:

> 254. *Os Espíritos sentem fadiga e necessidade de repouso?*
>
> "Não podem sentir a fadiga tal como a entendeis; conseguintemente, não precisam do repouso corpóreo, já que **não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas**. Contudo, o Espírito, repousa, no sentido de não estar em constante atividade. **Ele não age de maneira material**; sua ação é toda intelectual e o seu repouso é todo moral. Ou seja, há momentos em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo e não se fixa em um objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. **A espécie de fadiga que os Espíritos podem experimentar está na razão da sua inferioridade, pois quanto mais elevados forem, de menos repouso necessitarão**." ([42]) (itálico do original)

Recorremos ao que argumentamos nos dois ebook citados.

Para uma melhor compreensão da resposta, recorreremos a uma simples comparação. Vamos supor que um vendedor de cosméticos lhe pergunte: *“Tenho um excelente produto para tingir cabelos, que é novo no mercado. Você gostaria de experimentá-lo?”* A sua resposta seria: *“Não, obrigado! Não tenho cabelos que carecem ser tingidos.”* Diante disso, deveremos entender que você não tem cabelo ou teria, mas ele ainda não precisa ser tingido.

Então, seguindo essa mesma linha de raciocínio, entendemos que os Espíritos não possuem órgãos **cujas forças** devam ser reparadas, mas têm órgãos sim.

Se o Espírito *“não age de maneira material”*, certamente, não precisará de repouso (pelo menos da forma que compreendemos), uma vez que é algo estritamente relacionado ao corpo material.

Por outro lado, se tivessem sido mais objetivos dizendo *“tem órgãos mas não necessitam de*

repouso”, certamente, que favoreceriam o entendimento.

Há algo sobre a situação dos Espíritos após o desencarne que precisamos esclarecer. Da mensagem do Espírito Clélie Duplantier, sobre o qual Allan Kardec disse “*um dos nossos mais notáveis Espíritos instrutores*” ([43]), publicada na ***Revista Espírita 1869***, mês de março, destacamos o seguinte trecho:

> […] a desencarnação não pode fazer do espaço senão **um viveiro de Espíritos muito pouco desmaterializados, ainda cheios de todos os seus hábitos terrestres**, e que continuam, embora Espíritos, a viver como se fossem homens. […]. ([44])

Certamente, que se estão “*ainda cheios de todos seus hábitos terrestres*”, poderemos, entre eles, incluir: a alimentação, os vícios, e, em alguns casos, o sentirem vontade de dormir.

Seguindo em nossa pesquisa, vejamos este trecho da resposta à questão 723 de ***O Livro dos***

Espíritos:

> "[...] **A lei de conservação impõe ao homem o dever de conservar as suas energias** e a sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele **deve alimentar-se, portanto, conforme o exija o seu organismo**." ([45])

O nosso questionamento é: *"Vivendo temporariamente no mundo de além-túmulo não haveria necessidade de se alimentar de algo?"* Como veremos, as informações sobre alimentação que mencionaremos só dizem respeito aos recém-desencarnados.

O Espírito na condição de desencarnado, o perispírito tem a função de lhe servir de corpo, que apesar de etéreo não deixa de ser matéria. Assim, podemos também questionar: *"Esse corpo não careceria de alguma reposição?"*

A nossa dúvida aumentou quando lemos em ***Obras Póstumas***, capítulo "Manifestações dos Espíritos", tópico "O perispírito como princípio das manifestações", o seguinte:

> 9. **Os Espíritos**, como já foi dito, **têm um corpo fluídico**, a que se dá o nome de ***perispírito***. **Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem**. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta. ([46]) (itálico do original)

A questão do fluido universal alimentar o perispírito não seria algo como uma reposição pelo fato dele também ser matéria?

Esta frase que encontramos no tópico "Aumento e diminuição do volume da Terra", do capítulo "IX – Revoluções do globo" de *A Gênese*, nos provocou séria reflexão. "***As plantas se nutrem*** *tanto, e até mais,* ***de substâncias gasosas que haurem na atmosfera,*** *quanto das que sugam pelas raízes*." ([47]) A questão nos surgiu foi: conhecemos todos os inumeráveis processos de "alimentação ou reposição" existentes no Universo pelos quais os seres criados por Deus se servem

para sua manutenção, especialmente os que não são formados de matéria grosseira? De pronto, a nossa resposta seria um sonoro “não”.

Na ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, foi publicado o artigo “Sensações dos Espíritos”, inserido na 2ª edição de *O Livro dos Espíritos* como item 257, do qual ressaltamos:

> **Os Espíritos sofrem? Que sensações experimentam?** Tais são as perguntas que se dirigem naturalmente e que tentaremos resolver. Devemos dizer, primeiramente, que para isso não nos contentamos com as respostas dos Espíritos; devemos, por numerosas observações, de alguma sorte, tomar a sensação sobre o fato.
>
> Em uma de nossas reuniões, e pouco antes que **São Luís** nos desse a bela dissertação sobre a avareza, que inserimos em nosso número do mês de fevereiro, um de nossos sócios contou o fato seguinte, a propósito dessa mesma dissertação.
>
> “Estávamos, disse ele, ocupados com evocações em uma pequena reunião de amigos, quando se apresentou, inopinadamente e sem que o tivéssemos chamado, **o Espírito de um homem** que havíamos conhecido muito, e que, quando

vivo servira de modelo ao retrato do avaro traçado por São Luís; um desses homens que vive miseravelmente no meio da fortuna, que se privam, não pelos outros, mas para amontoar sem proveito para ninguém. **Era inverno, estávamos perto do fogo; de repente, esse Espírito** nos lembrou seu nome, com o qual não sonhávamos de modo algum, e **nos pediu a permissão de vir, durante três dias, aquecer-se na nossa lareira, dizendo que sofre horrivelmente do frio** que ele, voluntariamente suportou durante sua vida, e que fez os outros suportarem por sua avareza. Será, acrescentou ele, um abrandamento que obtive, se consentis em mo concedê-lo."

Esse Espírito **sentia uma sensação penosa de frio; mas como o sentia?** Aí estava a dificuldade. **Dirigimos a São Luís as perguntas** seguintes a esse respeito:

Consentiríeis em nos dizer como **esse Espírito de avaro, que não tem mais corpo material, podia sentir o frio e pedir para se aquecer?**

– R. Podes imaginar os sofrimentos do Espírito pelos sofrimentos morais.

– Concebemos os sofrimentos morais, como os desgostos, os remorsos, a vergonha; **mas o calor e o frio, a dor física, não são efeitos morais; os Espíritos sentem essas espécies de**

sensações?

– R. **Tua alma sente o frio? Não; mas tem a consciência da sensação que atua sobre o corpo**.

– Disso pareceria resultar que **esse Espírito de avaro não sente um frio efetivo; mas que ele teria a lembrança da sensação do frio que suportou**, e que essa lembrança, sendo para ele como uma realidade, tornava-se um suplício. – R. **É quase isso**. Está bem entendido que há uma distinção, que compreendeis perfeitamente, entre a dor física e a dor moral; não se deve confundir o efeito com a causa.

– Se compreendemos bem, poder-se-ia, isso nos parece, explicar a coisa assim como segue:

O corpo é o instrumento da dor; senão a causa primeira, ao menos a causa imediata. **A alma tem percepção dessa dor:** essa percepção é o efeito. **A lembrança que dela conserva pode ser tão penosa quanto a realidade, mas não pode ter ação física.** Com efeito, **um frio nem um calor intensos, podem desorganizar os tecidos: a alma não pode nem gelar nem queimar**. Não vemos, todos os dias, a lembrança ou apreensão de um mal físico produzir o efeito da realidade? Ocasionar mesmo a morte? **Todo o mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no**

> **membro que não existe mais**. Seguramente, não é nesse membro que está a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor. O cérebro dela conservou a impressão, eis tudo. **Pode-se, pois, acreditar que há alguma coisa análoga no sofrimento do Espírito depois da morte**. Essas reflexões são justas?
>
> R. Sim; mais tarde compreendereis melhor ainda **Esperai que fatos novos venham vos fornecer novos motivos de observação, e então deles podereis tirar consequências mais completas**. ([48])

Temos que levar em conta que o Espírito não é desprovido de um corpo, todos sabemos que ele possui um envoltório ao qual Allan Kardec designou de perispírito. É ele o agente das sensações do Espírito, seja na condição de encarnado ou desencarnado, já que "*pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria.*" ([49])

Diante disso podemos entender que o fogo, por exemplo, não causa nenhum "prejuízo" ao perispírito, mas o Espírito ao se ver envolvido pelas suas labaredas poderá ter a sensação de estar se

queimando, pois se lembra do que ocorreria a seu corpo físico numa situação dessa, caso estivesse vivo.

Retomando o fio da meada, continuaremos a transcrição:

> O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo: ele é haurido no meio ambiente, no fluido universal; [...] Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria: [...] É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações estão localizadas pelos órgãos que lhes servem de canal. **Destruído o corpo, as sensações são gerais**. Eis porque o Espírito não diz que sofre antes da cabeça que dos pés. De resto, **é preciso guardar-se de confundir as sensações do perispírito, tornado independente, com as do corpo**: não podemos tomar essas últimas senão como termo de comparação, e não como analogia. **Um excesso de calor ou de frio pode desorganizar os tecidos do corpo e não pode resultar nenhum prejuízo ao perispírito**. Desligado do corpo, **o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é o do corpo: entretanto, esse sofrimento não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, uma vez que se queixa do frio e do calor**; não sofre mais

no inverno que no verão: **vimo-los passar através de chamas sem nada sentirem de penoso; a temperatura, portanto, não causa sobre eles nenhuma impressão**. **A dor que sentem, portanto, não é uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo**, do qual o próprio Espírito não se apercebe perfeitamente, precisamente porque a dor não é localizada e porque não é produzida por agentes exteriores: é antes uma lembrança que uma realidade, mas uma lembrança também muito penosa. Há, entretanto, algumas vezes, mais que uma lembrança, como vamos ver.

A experiência nos ensina que no momento da morte o perispírito se desliga mais ou menos lentamente do corpo; durante os primeiros instantes, o Espírito não se dá conta da sua situação; não crê estar morto; sente-se viver; vê seu corpo de um lado, sabe que é o seu, e não compreende que esteja dele separado: esse estado dura tão longo tempo quanto exista um laço entre o corpo e o perispírito. Que se reporte à evocação do suicida dos banhos da Samaritana, que narramos no nosso número de junho. Como todos os outros, ele dizia: Não, não estou morto, e acrescentava: E, entretanto, sinto os vermes que me roem. Ora, seguramente os vermes não roíam o perispírito, e ainda menos o Espírito, não roíam senão o corpo. Mas como a separação

do corpo e do perispírito não estava completa, disso resultava uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão talvez não seja a palavra, poderia fazer crer em um efeito muito material; era antes a visão do que se passava em seu corpo, ao qual se ligava seu perispírito, que produzia nele uma ilusão, que tomava por uma realidade. Assim, não era uma lembrança, uma vez que, durante a vida, não havia sido roído pelos vermes: era o sentimento da atualidade. Vê-se por aí as deduções que se podem tirar dos fatos, quando são observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito, por intermédio do perispírito que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Estando o corpo morto não sente mais nada, porque não há mais nele nem Espírito nem perispírito. **O perispírito, desligado do corpo, sente a sensação**; mas como esta não lhe chega mais por um canal limitado, ela é geral. Ora, como, em realidade, não é senão um agente de transmissão, uma vez que é o Espírito quem tem a consciência, disso resulta que se pudesse existir um perispírito sem Espírito, não sentiria mais do que o corpo quando está morto; do mesmo modo que se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda sensação penosa; é o que

> ocorre para os Espíritos completamente depurados. Sabemos que quanto mais se depuram, mais a essência do perispírito se torna etérea; de onde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, quer dizer, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro. ([50])

Eis o grande problema, que causa a incompreensão do que ocorre com os Espíritos desencarnados: "*é preciso guardar-se de confundir as sensações do perispírito, tornado independente, com as do corpo*". Então, fixado no fato de que têm corpo físico, dogmaticamente, não admitem que eles possam ter fome, sentir frio ou calor, etc. Ter um corpo é fato que têm, mas o comer uma feijoada igual a nós, isso é lá outros quinhentos.

Na Segunda Parte de ***O Céu e o Inferno***, onde Allan Kardec apresenta vários exemplos, destacamos do capítulo "VI – Criminosos arrependidos" esta pergunta do caso do Espírito Benoist:

> 3. *Podereis dar-nos alguns pormenores sobre a vossa vida? Ser-vos-á levada em conta a sinceridade da confissão*. – R. Pobre

> e indolente, ordenei-me, não por vocação, mas para ter uma boa posição na vida. Inteligente, consegui essa posição; influente, abusei do poder; vicioso, corrompi aqueles que tinha por missão salvar; cruel, persegui os que me pareciam querer censurar os meus excessos; os pacíficos foram por mim inquietados. A fome torturou muitas vítimas e amiúde seus gritos eram extintos pela violência. Agora, **sofro todas as torturas do inferno**; minhas vítimas ateiam o fogo que me devora. **A luxúria e a fome insaciáveis me perseguem; a sede me queima os lábios escaldantes**, sem que uma gota d'água lhes caia em refrigério. Tudo se volta contra mim. Oh! orai... Orai pelo meu Espírito. ([51])

É mais um exemplo das sensações que os Espíritos sentem, notadamente os mais materializados e apegados às coisas terrenas.

Em ***O Livro dos Médiuns***, Primeira Parte, capítulo "IV – Sistemas", temos:

> 51. Eis a resposta de um Espírito [Lamennais] a respeito deste assunto:
>
> "O que uns chamam *perispírito*, outros chamam envoltório material fluídico. Para me fazer compreendido de maneira mais

> lógica, eu diria que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados, pois **os Espíritos inferiores ainda se acham completamente impregnados dos fluidos terrestres; logo, são matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar**, visto que os fluidos terrenos estão depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Para progredir, a alma necessita sempre de um agente; sem agente, ela nada seria para vós, ou, melhor, não a poderíeis conceber. [...].” ([52]) (itálico do original)

Por ainda se acharem impregnados dos fluidos terrestres, os Espíritos inferiores sentem fome, frio, etc. Será que os Espíritos socorristas não fariam nada a amenizar seus sofrimentos?

No artigo “Mobiliário de além-túmulo”, publicado na ***Revista Espírita 1859***, mês de agosto, há referência a criação de um grande cachimbo da parte de um desencarnado e de uma tabaqueira por uma pessoa viva. Ambos objetos foram vistos por pessoas, o que os colocam como

algo “concreto”, ainda que de pouquíssimo tempo de duração. Do diálogo com São Luiz, destacamos as seguintes questões:

11. **O Espírito pode dar**, portanto, não só a forma, mas **propriedades especiais?** – R. **Se o quiser**; não foi senão em virtude desse princípio que respondi afirmativamente às questões precedentes. **Tendes provas do poder de ação que o Espírito exerce sobre a matéria, que estais longe de supor**, como já vos disse.

12. Suponhamos, então, que ele **quisesse fazer uma substância venenosa** e que uma pessoa a tomasse, seria ela envenenada? – R. **Poderia**, mas não o teria feito; isso não lhe seria permitido.

13. **Teria o poder de fazer uma substância salutar e própria a curar em caso de doença**, e o caso se apresentou? – R. **Sim**, muito frequentemente.

Nota. – Encontrar-se-á um fato desse gênero, seguido de uma interessante explicação teórica, no artigo que publicamos adiante sobre o título de Um Espírito servidor.

14. **Poderia assim também fazer uma substância alimentar**; suponhamos que

fizesse **uma fruta, uma iguaria qualquer, alguém poderia comê-la e sentir-se saciado?** – R. **Sim, sim.** Mas não procureis, pois, tanto para provar o que é fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis, aos vossos olhos grosseiros, essas partículas materiais que encobrem o espaço no meio do qual viveis; não sabeis que o ar contém vapores d'água? Condensai-os, e conduzi-lo-eis ao estado normal; privai-os de calor, e eis que as moléculas impalpáveis e invisíveis tornam-se um corpo sólido e muito sólido, e muitas outras matérias das quais os químicos vos tirarão maravilhas mais admiráveis ainda; somente o Espírito possui instrumentos mais perfeitos do que os vossos: sua vontade e a permissão de Deus.

Nota. – **A questão da saciedade é aqui muito importante**. Como uma substância que não tem senão uma existência e propriedades temporárias, e de alguma sorte de convenção, pode produzir a saciedade? Essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. **Se uma tal substância pode agir sobre a economia e modificar um estado mórbido, ela pode tão bem agir sobre o estômago e produzir o sentimento da saciedade**. Todavia, pedimos aos senhores farmacêuticos e

> restauradores para não conceberem ciúme nisso, nem crerem que os Espíritos venham fazer-lhes concorrência: Esses casos são raros, excepcionais, e não dependem jamais da vontade; de outro modo, nutrir-se-ia e curar-se-ia por muito bom preço. ([53]) (itálico do original)

Tudo que aqui é dito tem relação com os encarnados. Ora, se podem criar até uma substância alimentar que causaria saciedade a um encarnado, por que não seriam capazes de fazer o mesmo para "satisfazer" a sensação de fome de um desencarnado?

Em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, capítulo "VIII – Laboratório do mundo invisível", tópico "Formação espontânea de objetos tangíveis", item 128, lemos:

> 13. *Então,* ***poderia fazer também uma substância alimentar****? Suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer:* ***se alguém pudesse comer a fruta ou a iguaria, ficaria saciado****?*
>
> "**Ficaria, sim**; mas não procureis tanto para achar o que é tão fácil de compreender.

Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço onde viveis. Não sabeis que o ar contém vapores da água? Se os condensardes, eles voltarão ao estado normal. Privai do calor essas moléculas impalpáveis e invisíveis e elas se tornarão um corpo sólido e bem sólido; e, assim, muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais surpreendentes. É que **os Espíritos dispõem de instrumentos mais perfeitos do que os vossos**: a vontade e a permissão de Deus."

OBSERVAÇÃO – A questão da saciedade é aqui muito importante. **Como uma substância pode produzir a saciedade, se sua existência e propriedades são meramente temporárias** e, de certo modo, convencionais? O que acontece é que e**ssa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade**, mas não a saciedade que resulta da plenitude. Desde que uma substância dessa natureza pode atuar sobre a economia e modificar um estado mórbido, também pode, perfeitamente, atuar sobre o estômago e produzir aí a impressão da saciedade. [...]. ([54]) (itálico do original)

Retornamos à questão 13, para poder destacar o fato de que se um Espírito pode produzir uma substância alimentar a ponto de o encarnado sentir-se saciado, por que isso não poderia ocorrer no mundo de além-túmulo, de modo a resolver a questão do “apetite” de recém-desencarnados?

Do capítulo “IV – Espíritos sofredores”, da Segunda Parte de ***O Céu e o Inferno***, caso “Exprobações de um boêmio”, destacamos o seguinte trecho das instruções do guia do médium:

> […] **A influência da matéria os segue além do túmulo, sem que a morte lhes ponha termo aos apetites que a sua vista,** tão limitada como quando na Terra, **procura em vão os meios de os saciar.** Por não terem nunca procurado alimento espiritual, a alma erra no vácuo, sem direção, sem esperança, presa dessa ansiedade de quem não tem diante de si mais que um deserto sem limites. […]. ([55])

Quanto ao caso de “*sem que a morte lhes ponha termo aos apetites*”, acreditamos que isso tem relação direta com a situação evolutiva do

Espírito, em que se poderá aplicar o teor desta frase: "*seu perispírito ser ainda tão material que ele o crê sujeito a todas as necessidades do corpo*" ([56]).

Nas obras da Codificação, pode-se muito bem ver que os Espíritos superiores ajudam os inferiores, aí vamos questionar mais uma vez: "*Será que deixarão Espíritos como esse sofrer, sem fazer absolutamente nada para lhes 'saciar' o apetite?*" Nesse caso, haveria falta de amor e aí como ficaria o "*amar ao próximo como a si mesmo*"?

De ***O Céu e o Inferno***, Segunda Parte, capítulo "VI – Criminosos arrependidos", do diálogo com o Espírito Benoist:

> 3. *Podereis dar-nos alguns pormenores sobre a vossa vida? Ser-vos-á levada em conta a sinceridade da confissão*. – R. Pobre e indolente, ordenei-me, não por vocação, mas para ter uma boa posição na vida. Inteligente, consegui essa posição; influente, abusei do poder; vicioso, corrompi aqueles que tinha por missão salvar; cruel, persegui os que me pareciam querer censurar os meus excessos; os pacíficos foram por mim inquietados. **A fome torturou muitas vítimas e amiúde seus gritos eram**

> **extintos pela violência**. Agora, sofro todas as torturas do inferno; minhas vítimas ateiam o fogo que me devora. **A luxúria e a fome insaciáveis me perseguem; a sede me queima os lábios escaldantes, sem que uma gota d'água lhes caia em refrigério**. Tudo se volta contra mim. Oh! orai... Orai pelo meu Espírito. ([57]) (itálico do original)

Eis aí uma prova de que os Espíritos, ainda bastante materializados, ao se lembrarem de seus vícios, sentem como que uma necessidade de "saciá-los". Inclusive, muitos deles nem mesmo se dão conta de que estão mortos.

Do artigo "Quadro da vida espírita", publicado na ***Revista Espírita 1859***, mês de abril, destacamos o seguinte trecho:

> **O envoltório semimaterial do Espírito constitui uma espécie de corpo de forma definida**, limitada e análoga à nossa; **mas esse corpo não tem nossos órgãos e não pode sentir todas as nossas impressões**. Percebe, entretanto, tudo o que nós percebemos: a luz, os sons, os odores, etc.; e essas sensações, por não terem nada de material, não são menos

> reais; têm mesmo alguma coisa de mais clara, de mais precisa, de mais sutil, porque chegam ao Espírito sem intermediário, **sem passarem pela fieira dos órgãos que as enfraquecem**. A faculdade de perceber é inerente ao Espírito: é um atributo de todo o seu ser; as sensações chegam-lhe de toda parte e não por canais circunscritos. Um deles nos disse, falando da visão: "É uma faculdade do Espírito e não do corpo; vedes pelos olhos, mas em vós não é o olho que vê, é o Espírito."
>
> […].
>
> Há sensações que têm sua fonte no próprio estado de nossos órgãos; ora, as necessidades inerentes ao nosso corpo não podem ocorrer do momento que nosso corpo não existe mais. **O Espírito não sente, pois, nem a fadiga, nem a necessidade de repouso, nem a de alimentação, porque não tem nenhuma perda a reparar**; não é afligido por nenhuma de nossas enfermidades. […]. ([58])

Aqui temos a origem da interpretação equivocada, quanto ao que é dito que o perispírito *"não tem nossos órgãos"*, trata-se de órgãos físicos, ou seja, os existentes no corpo etéreo não tem as mesmas funções que os do material. Essa é a razão

de não sentirem fadiga, nem a necessidade de repouso e muito menos de alimentação como a que temos.

Mas isso, não implica que eles não possam ter a sensação de fome, não é mesmo? Ter necessidade é uma coisa, sentir forme é bem outra, é bom reforçar isso, pois aqui se tem a origem do equívoco da interpretação.

Entretanto, ficamos em dúvida, pois se toda matéria dos seres vivos necessita de reposição, e o Espírito errante não deixa de ser um ser vivo, assim, via alimentação, o envoltório fluídico também não poderia necessitar de alguma reposição compatível com a sua natureza etérea?

Uma fala do Espírito Imperator, através do médium Stainton Moses (1839-1892), é citada na obra ***Os Enigmas da Psicometria*** (1921), de autoria de Ernesto Bozzano, vejamos os seus dois últimos parágrafos:

> **Também o vosso "corpo espiritual" tira a existência e alimentação do Oceano Espiritual Infinito**, no qual tudo

está mergulhado.

Nele, tira o "corpo espiritual" o alimento, tal como o corpo físico o absorve no oxigênio do ar que o envolve. E esse *Oceano Espiritual Ilimitado* é o que denominais *Éter*. ([59])

Eis aí uma informação que poderia derrubar a resistência em se admitir algum alimento para "manutenção" do perispírito.

Acreditamos que isso poderá ser corroborado no Caso XI citado por Ernesto Bozzano em *A Crise da Morte* (1930), que será mencionado mais à frente, no qual se verá o Espírito do arcebispo Wilberforce dizer que "*quanto aos meios de subsistência nós* [os Espíritos] *os assimilamos* ***com o ar que respiramos***" ([60]).

Aliás, a bem da verdade, a negação é ilógica, porquanto trata-se de algo desconhecido por nós, e não faz sentido algum aplicarmos o que conhecemos na Terra para uma outra matéria ou dimensão.

Estamos longe de afirmar que eles, os Espíritos errantes, precisam de se alimentar para

“sobreviver”, mas não poderiam ter algo no corpo espiritual que necessitasse de reposição? Por oportuno, vamos buscar a resposta.

Na ***Revista Espírita 1860***, mês de novembro, registra-se a comunicação do Espírito Balthazar (o Espírito gastrônomo), do qual já citamos um trecho, mas ainda precisamos destacar as seguintes questões:

> 1. Evocação. – R. Meus amigos, eis-me diante de uma grande mesa, mas nua, ai de mim!
>
> 2. Esta mesa está nua, é verdade, mas quereis nos dizer para que vos serviria se estivesse carregada de comidas; que farias delas? – *Delas sentiria o perfume, como outrora sentia-lhe o gosto*.
>
> *Nota*. Esta resposta é todo um ensinamento. Sabemos que os Espíritos têm as nossas sensações e que percebem os odores tão bem quanto os sons. **Na falta de poder comer, um Espírito material e sensual se repasta na emanação das comidas;** ele as saboreia pelo odor como, quando vivo, o fazia pelo sentido do gosto. **Há, pois, alguma coisa de verdadeiramente material em seu prazer**; mas, como em

definitivo há mais desejo do que realidade, esse prazer mesmo, estimulando os desejos, torna-se um suplício para os Espíritos inferiores, que ainda conservaram as paixões humanas.

3. [...] Tendes um corpo fluídico, nós o sabemos; mas dizei-nos se, **nesse corpo, há um estômago? – R. Estômago fluídico também**, onde só os odores podem passar.

4. Quando vedes comidas apetitosas, sentis o desejo de comê-las? – R. **Comê-las, ai de mim! Eu não posso mais**; **para mim essas comidas são as flores para vós**: vós as sentis mas não as comeis; isso vos contenta, pois bem! Eu estou contente também.

5. Isso vos dá prazer em ver os outros comerem? – R. Muito, quando ali estou.

6. Sentis a necessidade de comer e de beber? Notai que dizemos a *necessidade*; ainda há pouco dissemos o *desejo*, o que não é a mesma coisa. – R. **Necessidade, não; mas desejo, sim, sempre**.

7. **Esse desejo é plenamente satisfeito pelo odor que aspirais**; é para vos a mesma coisa. – R. É como se vos perguntasse se a visão de um objeto, que desejais ardentemente, substitui para vós a posse desse objeto.

8. Pareceria, segundo isso, que o desejo

> que sentis deve ser um verdadeiro suplício, pois não ter o gozo real? – R. Suplício maior do que credes; mas trato de me atordoar em me iludindo. ([61]) (itálico do original)

Se um Espírito *“repasta na emanação das comidas”*, ou seja, **se alimenta** com a emanação das comidas, então ele sente algum prazer nesse fato.

Ele está bem consciente de que não tem necessidade de se alimentar, mas isso não o proíbe de ter o desejo.

Ora, por que motivo os que lhes são superiores não poderiam criar um alimento fluídico com o qual se tenha o mesmo efeito: *“alguma coisa de verdadeiramente material em seu prazer”*?

Na ***Revista Espírita 1868***, mês de junho, temos o artigo “A fome entre os Espíritos”, do qual ressaltamos este trecho da mensagem do Sr. Bizet, cura de Sétif, falecido a 15 de abril, portanto um recém-desencarnado:

> Sociedade de Paris, 14 de maio de 1868

“Estou feliz, senhor, pelo benevolente chamado que consentistes em me dirigir, e ao qual me faço uma honra, e ao mesmo tempo um prazer responder. Se não vim imediatamente ao vosso meio, é que a perturbação da separação e o espetáculo novo pelo qual fui tocado, não mo permitiram. E depois, eu não sabia o que entender; encontrei muitos amigos cuja simpática acolhida ajudou-me poderosamente a me reconhecer; mas **tive também sob os olhos o espetáculo atroz da fome entre os Espíritos. Encontrei no outro mundo numerosos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, procurando ainda satisfazer em vão uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de alimento que ocultam nas mãos**, se despedaçando mutuamente, e, se assim posso dizer, se devorando mutuamente; uma cena horrível, hedionda, ultrapassando tudo o que a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... **Muitos desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: Pão!** Foi em vão que tentei fazê-los compreender a sua situação; estavam surdos às minhas consolações. - Que coisa terrível é a morte em semelhantes condições, e como esse espetáculo é bem de natureza a fazer refletir sobre o nada de certos pensamentos humanos!.. Assim,

enquanto que sobre a Terra pensa-se que aqueles que partiram estão ao menos livres da tortura cruel que sofrem, percebe-se, do outro lado, que não é nada disto, e que o quadro não é menos sombrio, se bem que os autores tenham mudado de aparência.

[…].

"Cura BIZET"

Nota. A quem não conhece a verdadeira constituição do mundo invisível, **parecerá estranho que os Espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome**; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que **eles têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não é menos da matéria; que, em deixando o seu envoltório carnal, certos Espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes durante um tempo mais ou menos longo**. Isto parece singular, mas isto é, e a observação nos ensina que **tal é a situação dos Espíritos que viveram mais da vida material do que da vida espiritual, situação frequentemente terrível, porque a ilusão das**

necessidades da carne se faz sentir, e se têm todas as angústias de uma necessidade impossível de ser saciada. O suplício mitológico do Tântalo acusa, entre os antigos, um conhecimento mais exato do que se supõe do estado do mundo de além-túmulo, mais exato sobretudo do que entre os modernos.

Muito diferente é a posição daqueles que, desde esta vida, se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura; todas as dores da vida corpórea cessam com o último suspiro, e o Espírito plana logo, radioso, no mundo etéreo, feliz como o prisioneiro livre de sua prisão.

Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim e se acreditou em sua palavra? Não; **foram os próprios habitantes do mundo invisível que o repetiram em todos os pontos do globo, para ensinar os encarnados**.

Sim, **legiões de Espíritos continuam a vida corpórea com as suas torturas e suas angústias**; mas quais? Aqueles que estão ainda muito enfeudados na matéria para dela se destacar instantaneamente. **Isto é uma crueldade do Ser supremo?** Não, é

uma lei da Natureza inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é um prolongamento misto da vida terrestre durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, segundo o estado moral dos indivíduos. [...].

As evocações nos mostram uma multidão de Espíritos que creem ser ainda deste mundo: os suicidas, os supliciados que não desconfiam que estão mortos, e sofrem o seu gênero de morte; outros que assistem ao seu enterro como ao de um estranho; os avaros que guardam seus tesouros, os soberanos que creem ainda comandar e que ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes desastres marítimos, os náufragos que lutam contra o furor das ondas; depois de uma batalha, os soldados que se batem e ao lado disto os Espíritos radiosos, que nada têm mais de terrestre, e são para os encarnados o que a borboleta é para a lagarta. **Pode-se perguntar de que servem as evocações então que elas nos fazem conhecer, até em seus mais ínfimos detalhes, esse mundo que nos espera a todos ao sair deste?** É a Humanidade encarnada que conversa com a Humanidade desencarnada; o prisioneiro que conversa com o homem livre. Não, certamente,

elas não servem para nada ao homem superficial que não a vê senão como um divertimento; elas não lhe servem mais do que a física e a química divertidas não servem para a sua instrução; mas para o filósofo, o observador sério que pensa no dia seguinte da vida, é uma grande e salutar lição; **é todo um mundo novo que se descobre; é a luz lançada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres**. Pode-se estar enganado, diz-se; sem dúvida, como pode sê-lo em todas as coisas, mesmo sobre aquelas que se vê e que se toca: tudo depende da maneira de observar.

O quadro que o Sr. cura de Bizet apresenta nada tem de estranho; ele vem, ao contrário, confirmar, por um grande exemplo a mais, o que já se sabia; e o que afasta toda a ideia de repercussão de pensamentos é que o fez espontaneamente, sem que ninguém pensasse em dirigir a sua atenção sobre esse ponto. Por que, pois, teria vindo dizer sem que se lhe pedisse, o que não era? Sem dúvida, foi compelido a isso para a nossa instrução. Aliás, toda a comunicação leva um sinal de seriedade, de sinceridade e de modéstia, que está bem em seu caráter e que não é próprio

de Espíritos mistificadores. ([62])

Para termos uma ideia de quem era o vigário Bizet, vejamos isto que Allan Kardec disse a respeito dele:

> [...] tivesse ele nos sido hostil, os espíritas não colocariam menos na **qualidade dos homens dos quais a Humanidade deve honrar a memória e que ela deve tomar por modelo**s. ([63])

Narra o Sr. Bizet sobre o espetáculo atroz da fome entre os infelizes Espíritos que morreram de inanição, tortura que só quem passa pode avaliar, certamente, por não se darem conta da nova dimensão em que se encontravam.

No seu comentário, o Codificador deixa claro que isso não é de se estranhar, uma vez que os Espíritos têm um corpo, que apesar de fluídico, *"não é menos da matéria"*, assim alguns espíritos continuam *"com as mesmas vicissitudes durante um tempo mais ou menos longo"*, que *"a observação nos ensina que tal é a situação dos Espíritos que viveram*

mais da vida material”.

Vamos fazer uma pequena pausa para que você, caro leitor, possa fazer uma útil reflexão...

A questão da alimentação nas pesquisas e/ou revelações após Século XIX

Antes de mencioná-los, vejamos algo que nos chamou a atenção no penúltimo parágrafo do capítulo “XXXIII – A vida no espaço”, inserido na Parte Quarta – Além-túmulo da obra ***Depois da Morte***, de Léon Denis:

> **O Espírito adiantado está liberto de todas as necessidades materiais**. Para ele, não têm razão de ser a nutrição e o sono. Ao abandonar a Terra, deixa para sempre os vãos cuidados, os sobressaltos, todas as quimeras que envenenam a existência corpórea. **Os Espíritos inferiores levam consigo para além do túmulo os hábitos, as necessidades, as preocupações materiais**. Não podendo elevar-se acima da atmosfera terrestre, voltam a compartilhar a vida dos entes humanos, intrometem-se nas suas lutas, trabalhos e prazeres. **Suas paixões, seus desejos, sempre vivazes e aguçados** pelo permanente contacto da Humanidade, os acabrunham; **a impossibilidade de os**

satisfazerem torna-se para eles causa de constantes torturas. ([64])

Léon Denis, portanto, vê que os Espíritos evoluídos, ou melhor, de certo grau evolutivo, não têm as necessidades materiais, mas o mesmo não acontece com os Espíritos inferiores. Por ficarem muito próximos de nós, suas paixões e desejos ficam aguçados. Como vimos, muitos se aproveitam, por exemplo, dos momentos em que os encarnados estão se alimentando para *"se repastar na emanação das comidas"* ([65]).

Voltamos a um ponto que questionamos, os Espíritos mais elevados não poderia "criar alimentos" para saciar suas paixões e desejos, ainda que eles sejam apenas "placebos"?

Nossas fontes serão listadas por ordem cronológica das respectivas datas de publicação da 1ª edição.

1ª) ***"X"***, em ***Cartas de Um Morto-vivo*** (1914), através da médium Elza Barker (1869-1954), Londres, Inglaterra, esse Espírito era conhecido da

médium, mas, preferiu manter-se no anonimato, disse:

> Uma das coisas que talvez mais a interessam é a **nossa alimentação**. Certamente **comemos e bebemos; absorvemos água** em grande quantidade. [...]. ([66])

> [...] O tempo passa e nós desabituamo-nos gradualmente de comer. A fome e a sede não nos incomodam; **há, contudo, almas, eu, por exemplo, que sempre continuam a tomar uma porção minúscula de alimento; é, porém, uma quantidade tão infinitamente pequena**, que até seria ridículo compará-la aos jantares opíparos com que antigamente satisfazia a minha gula. ([67])

2ª) ***Raymond: Uma Prova da Existência da Alma*** (1916), autoria de Oliver Lodge (1851-1940), transcrevemos o seguinte trecho da fala do Espírito Feda:

> Ele [Raymond] diz que agora **não tem necessidade de comer. Mas vê pessoas que a têm; diz que a essas é dado alguma coisa com as aparências dos**

alimentos terrestres. As criaturas daqui procuram prover-se de tudo que é preciso. Um camarada chegou outro dia e **quis um charuto**. Julgou que eles jamais poderiam fornecer-lhe isso. Mas **há aqui laboratórios que manufaturam todo tipo de coisas. Não como fazem na terra, com a matéria sólida, mas com essências, éteres, gases**. Não é o mesmo que no plano terrestre, mas fizeram algo que parecia charuto. Ele (Raymond) não experimentou nenhum, porque não pensa nisso, o senhor sabe. Mas o camarada lançou-se ao charuto. Ao começar a fumá-lo, fartou-se logo; teve quatro, e agora não olha nem para um. Parece que não tiram mais nenhum gosto disso, e gradualmente vão largando.

Logo que chegam querem coisas. Alguns querem carne; outros bebidas fortes; pedem whisky com soda. Não pense que estou exagerando, quando digo que aqui podem manufaturar estas coisas. Ele ouviu falar de bêbados que por meses e anos querem beber, mas não viu nenhum. Os que tenho visto, diz ele, não querem mais beber – como aconteceu com sua roupa, que nas novas condições em que está ele, dispensa. ([68])

Um pouco mais à frente, no capítulo “XX –

Explicações e respostas”, tópico “Objeções contra a substância das comunicações”, destacamos:

> **O mundo externo, como o percebemos, está na dependência dos nossos poderes de percepção e interpretação.** Do mesmo modo um quadro, ou qualquer obra de arte. A coisa em si – seja qual for a significação disto – talvez jamais a conheçamos. Admito que a proposição constitui uma dificuldade, mas **a evidência do ponto vem se firmando desde Swedenborg: o “outro mundo” será sempre representado como extraordinariamente semelhante ao nosso**; e embora isto leve ao ceticismo, admito que corresponde a alguma realidade. **Esse outro mundo parece consistir na contraparte etérea deste**. Ou melhor: só há um mundo, do qual vemos o aspecto material e eles veem o aspecto imaterial. A razão disto estará na similaridade, ou identidade, do observador. Um sistema nervoso interpreta, ou apresenta ao espírito cada estímulo proveniente do exterior do modo específico ao qual está acostumado, qualquer que seja a natureza real desse estímulo. Uma pancada nos olhos, ou a pressão sobre a retina, é interpretada como luz; a irritação do nervo auditivo é interpretada como som. Quer dizer que só dum modo mais ou menos costumário é que

podemos interpretar as coisas.

Entremos em detalhes. **A acusação de admitirmos o fumar e o beber, como em voga, entre os habitantes do outro mundo, parece-nos profundamente injustificada e falsa. Uma citação destacada do contexto frequentemente leva a erronias**. O que meu livro revela, implica de maneira clara que eles, no além, não ocupam o seu tempo com isso; nem que isso seja coisa natural no ambiente. **Basta o bom senso para a interpretação do caso.** Se existem lá comunidades, claro que não serão fixas, ou estacionárias, constantemente estarão recebendo elementos novos. Meu filho é representado como dizendo que quando **elementos novos chegam e ainda se acham em estado de tonteira, dificilmente reconhecem onde se encontram; e que pedem toda a sorte de coisas – ainda muito influenciados pelos desejos da terra**. Ora, ou muito me engano ou isto é uma lição ortodoxa: os desejos das pessoas sensuais podem persistir e tornar-se parte da sua punição. Sobre o assunto alguém me mandou uma citação do Diário Espiritual, de Swedenborg, vol. 1, parágrafo 333:

> "As almas dos mortos levam do corpo a sua natureza, e por isso continuam a julgar-se no corpo. Manifestam desejos e apetites, como o de comer e outros; de

modo que estas coisas pertencentes ao corpo ficam impressas na alma. Assim as almas retêm a natureza que levam do mundo; e só com a marcha do tempo a perdem."

A mesma ideia eu a expressei de outro modo no capítulo sobre a Ressurreição do Corpo, no fim deste livro. **A crítica feita a esse ponto revela-se perversa, sem outra escusa afora a da estupidez**. Crítica aparentada às acusações de adoração diabólica e necromancia.

Imagine-se uma reunião de sacerdotes nalgum retiro, onde se entreguem à meditação e às boas obras; e imagine-se um viajante que chega e, confundindo aquilo com um hotel, peça whisky com soda. Poderia isso significar que naquele retiro todos se entregam ao vício de beber? Não revelará justamente o contrário o modo dos que estão em retiro receberem a sugestão do whisky? **O livro diz que para "desviciar" esses recém-chegados a política não era a da proibição – o que só conseguiria irritar o desejo – mas agir de modo a satisfazer moderadamente o viciado até que perceba a situação e por si mesmo se corrija – o que se dá em muito pouco tempo**.

Seja ou não aceita a exposição de Raymond, contenha ou não algum elemento

parabólico, nada posso ver nela de caráter depreciativo – e o processo de “desviciar” me parece o mais sensato. ([69])

3ª) ***História do Espiritismo*** (1926), autoria de Arthur Conan Doyle (1859-1930), do capítulo “XXV – O depois-da-morte visto pelos espíritas”, transcrevemos:

> Outro resumo do **Grupo Doméstico do autor**, talvez seja permitido, de vez que as mensagens foram misturadas com muitas provas que inspiram a mais completa confiança naqueles que estão ligados aos fatos:
>
> “Pelo amor de Deus sacuda essa gente, esses cabeçudos que não querem pensar. O mundo necessita desse conhecimento. Se ao menos eu tivesse tido tal conhecimento na Terra! ele teria alterado a minha vida – o Sol teria brilhado sobre o meu caminho sombrio, se eu tivesse conhecido o que está à minha frente.
>
> “Nada é chocante aqui. Não há atravessadores. Estou interessado em muitas coisas, a maioria delas humanas, o desenvolvimento do progresso humano e, acima de tudo, a regeneração do plano terreno. Sou um dos que trabalham pela

causa braço a braço convosco.

"Nada temais. A luz será tanto maior quanto maior a escuridão que tiverdes atravessado. Voltarei muito breve, se Deus quiser. Nada poderá opor-se. Nem as forças das trevas prevalecerão um minuto contra a Sua luz. Todo o trabalho em massa será varrido. Apoiai-vos ainda mais em nós, porque a nossa capacidade de ajuda é muito grande."

– "Onde estais?"

– "É tão difícil explicar-vos as condições aqui. Estou onde mais desejava estar, isto é, com os meus entes queridos, onde posso estar em íntimo contato com todos no plano terreno."

– "**Tendes alimento?**"

– "**Não no vosso sentido, mas muito mais fino. Tão amáveis essências e tão maravilhosos frutos, além de outras coisas que não tendes na Terra!**"

"Muita coisa vos espera com as quais ficareis surpreendidos – tudo belo e elevado e tão suave e luminoso. A vida foi uma preparação para esta esfera. Sem aquele treinamento não teria sido capaz de entrar neste mundo glorioso de maravilhas. É na Terra que aprendemos as lições e neste mundo está a nossa maior recompensa o nosso verdadeiro e real lar e a vida – o Sol depois da chuva."

O assunto é tão enorme que apenas pode ser tocado em termos gerais num só capítulo. O leitor é remetido para a maravilhosa literatura que se desenvolveu, dificilmente conhecida pelo mundo, em torno do assunto. Livros como o "*Raymond*", de Oliver Lodge; *"A Vida Além do Véu*", de Vale Owen; *"A Testemunha*", de Mrs. Platts; "*O Caso de Lester Coltman*", de Mrs. Walbrook e muitos outros **dão uma clara e sólida ideia dessa vida do Além**.

Lendo essas numerosas descrições da vida depois da morte, a gente naturalmente pergunta até onde podem ser acreditadas. É confortador verificar quanto são concordes, o que constitui um argumento em favor da verdade. Poderiam contestar que tal concordância se deve ao fato de derivarem, todas, conscientemente ou não, de uma fonte comum. Mas é uma suposição inconsistente. Muitas delas vêm de gente que absolutamente não podia conhecer os pontos de vista dos outros, mas ainda concordam, até nos mínimos detalhes. Por exemplo, na Austrália o autor examinou tais relatos escritos por homens que viviam em lugares remotos, que honestamente se contentavam com aquilo que haviam escrito. Um dos mais notáveis casos é o de Mr. Herbert Wales ([70]).

Esse cavalheiro, que tinha sido, e talvez

> ainda seja, um cético, leu uma história do autor, sobre como são as condições além da morte; e foi rebuscar um trabalho que havia escrito há anos, mas que recebera com incredulidade. E escreveu: “Depois de ler o vosso artigo fiquei chocado, quase estatelado, pelas circunstâncias de que as coisas imaginadas por mim e relativas às condições da vida de além-túmulo – penso que até nos menores detalhes – coincidem com as que descreveis como resultado de vossa coleção de materiais obtidos de várias fontes.” […]. ([71])

4ª) Em ***Visões do Mundo Espiritual***, (1926), vamos encontrar o relato de várias visões do indiano **Sadhu Sundar Singh** (1889-1929), educado no hinduísmo, mas por volta do final do ano de 1905, ornou-se um cristão:

> Não há **no céu** nem leste nem oeste, nem norte nem sul, mas, para cada alma ou anjo individualmente, o trono de Cristo aparece como o centro de todas as coisas.
>
> Lá **também são encontrados todos os tipos de doces e deliciosas flores e frutas, e muitos tipos de alimento espiritual**. **Enquanto os comem, um sabor e prazer requintados são**

experimentados, mas depois de terem sido assimilados, uma delicada fragrância, que perfuma o ar ao redor, exala dos poros do corpo. ([72])

5ª) ***A Crise da Morte*** (1930), autoria de Ernesto Bozzano:

a) Caso III, do livro do doutor N. Wolfe, *Starlling facts in modern Spiritualism* (pág. 388):

Observo ainda que a outra circunstância das entidades encarnadas que afirmam que **tais condições de vida espiritual são transitórias e dizem respeito apenas à Esfera mais próxima do mundo terreno, isto é, àquela destinada a receber os espíritos recém-chegados**, não vale apenas para justificar plenamente tais condições da existência, mas **demonstra principalmente a sua providencial razão de ser**. Em outras palavras: **considere-se que desolação e desorientamento sentiriam os espíritos, em sua grande maioria, caso assim que ocorresse a crise do transpasse se vissem bruscamente despojados da forma humana e se encontrassem em um plano espiritual radicalmente diferente do lugar onde se plasmou a sua**

individualidade, e ao qual estavam ligados por uma delicadíssima trama de sentimentos afetos, paixões, aspirações – a ponto de esta trama não poder ser rompida de repente sem levá-los ao desespero, e onde sobretudo se encontrava o ambiente familiar de cada um deles, constituído por uma soma fantástica de pequenas e grandes satisfações, temporais e espirituais, que concorriam cumulativamente para criar aquilo que se chama "alegria de viver". **Caso se reflita sobre tudo isso, será preciso reconhecer que parece racional e providencial que, entre a existência encarnada e a de "puros espíritos", venha a se interpor um ciclo de existência preparatória**, que serve para conciliar a natureza por demais terrena do espírito desencarnado com a natureza por demais transcendental da existência espiritual propriamente dita. **Para isso proveria maravilhosamente a potência criadora do pensamento**, que permitiria ao espírito, julgando-se ainda em forma humana, reencontrar-se desta mesma forma; e acreditando estar vestido, ver-se coberto de roupas que, apesar de *etéreas*, pareceriam materiais para o desencarnado, como as vestimentas terrenas. **No mundo espiritual ele reencontraria também um ambiente e uma casa correspondentes aos próprios hábitos da Terra – morada preparada para ele pelos familiares que**

o precederam na existência espiritual. Como se viu, no caso exposto acima, a avó do desencarnado teria assumido a tarefa de guiar o neto até a morada destinada a acolhê-lo. A esse respeito deve-se observar que, quando o espírito comunicante conta ter visto *uma velha* vir ao seu encontro, deve-se entender que *a velha avó* havia readquirido *temporariamente* a antiga forma terrena para ser reconhecida. ([73]) (itálico do original)

b) Do caso X, um jovem soldado. Transcrevemos este trecho da referência que Ernesto Bozzano faz da obra de Oliver Lodge:

"Isso é o que relata a entidade espiritual de 'Raymond' que como foi dito não faz mais do que contar detalhes curiosos, semelhantes aos que já haviam sido afirmados anteriormente por outras entidades espirituais. Entretanto, ao mesmo tempo, é oportuno observar que **os espíritos em questão jamais deixaram de alertar que não se tratava de alimentos, de bebidas, de tabaco, mas sim de criações efêmeras do pensamento, as quais tinham como finalidade conduzir gradativamente, e sem perturbações emocionais**, à compreensão das condições em que se encontravam **aqueles desencarnados, que se mostravam por demais**

dominados pelos hábitos contraídos na existência terrena, para não ficarem perturbados caso compreendessem bruscamente que estavam na condição de espíritos desencarnados, ou, mais precisamente, de 'puros espíritos' destituídos de corpo carnal. ([74])

c) Do caso XII, destacamos o seguinte parágrafo da fala do capitão Hinchliffe (Espírito):

"Outra pergunta que surge naturalmente entre vocês é a seguinte: **Come-se e bebe-se no mundo espiritual? Não, com certeza, da maneira pela qual vocês todos satisfazem tais necessidades corporais** (que infelicidade para mim, que gostava tanto!). **De qualquer maneira, o 'corpo etéreo' em tudo correspondente ao 'corpo carnal': ainda conserva órgãos digestivos parecidos, mas não idênticos, aos terrenos; isso significa que no 'plano astral' o corpo ainda está longe de ser perfeito**. Tampouco pode sê-lo enquanto se permanece em um 'plano de existência' tão próximo do mundo dos vivos. Disso resulta que ele conserva ainda alguma afinidade com o plano físico: **embora ele não exija mais alimentos sólidos, tem ainda necessidade de assimilar essências e líquidos especiais para este 'plano espiritual'**, os quais nós ingerimos em formas condensadas de natureza etérea.

([75])

Dos comentários de Ernesto Bozzano:

Passando a analisar as informações fornecidas pelo espírito comunicante, enfatizo que elas concordam admiravelmente com as relatadas em todas as revelações do gênero, exceção feita para uma informação que aparentemente estaria em contradição com outra análoga. **Essa informação foi ditada pelo finado arcebispo Wilberforce (*Caso XI*)**. Na verdade, o arcebispo informa que **na Esfera espiritual** em que se encontra não mais existe a necessidade de se alimentar, sendo o ar que respira suficiente para sustentar o "corpo etéreo", enquanto o espírito "Hinchliffe" afirma que **na Esfera em que ele se encontra ainda existe a necessidade de se alimentar**, apesar de não se tratar de alimentos sólidos, mas **sim de essências e de líquidos espirituais condensados pelo éter**. Os leitores devem ter compreendido que tal contradição é apenas aparente, ou melhor, não existente, já que o espírito Wilberforce refere-se à "Segunda Esfera" espiritual na qual se encontra, enquanto o espírito "Hinchliffe" fala do que acontece no "plano astral" em que ele está. Nenhuma contradição, portanto, mas apenas simples e instrutivas variações de *detalhes secundários* correspondentes a estados espirituais

diversos. ([76]) (itálico do original)

d) Caso XVI, extraído de *From Four who are Dead* (De quatro que estão mortos):

"A causa principal de tantos crimes no mundo dos vivos não mais existe aqui. Quero dizer a necessidade de se alimentar. Ou, antes, **nós não temos necessidade de nos alimentar no sentido preciso da palavra, embora aqueles que dentre nós ainda desejarem saborear a satisfação de se alimentar poderão prover para si tal sensação...**" (págs. 73-74). ([77])

Observa-se, por exemplo, que no caso em questão as primeiríssimas impressões do desencarnado se referem à circunstância de dar-se conta de que não caminhava mais, mas transportava-se sobrevoando a solo; que os vivos pareciam-lhe sombras, e os espíritos, substanciais; que, conversando com estes últimos, julgava de que lhe dirigiam a palavra, enquanto na realidade transmitiam-lhe seus pensamentos. Observe-se que não demorou a chegar para ele também a surpresa máxima: a de perceber que as personagens com os quais se encontrava conseguiam obter tudo de que precisavam com a força do pensamento. Atente-se para o fato de que ele próprio compreendeu que bastava-lhe desejar estar em algum lugar para ser transportado até lá

no mesmo instante. Por fim, veja-se que ele também não demorou para dar releva ao fato de que numerosos espíritos de desencarnados, **permanecendo dominados pela necessidade de satisfazer hábitos inveterados contraídos em vida, podiam procurar a sensação que desejavam em virtude da força criadora do pensamento**. ([78])

Referindo-se à nutrição do "corpo etéreo", o marido da médium observa:

"Nós não comemos, ou antes, **nós não o fazemos no sentido exato da palavra no plano terreno**, apesar de que todos **os que ainda desejarem satisfazer o prazer de comer poderão fazê-lo e sentir essa sensação na Esfera em que se encontram...**" (págs. 73-74). ([79])

E William Stead, que por sua vez se refere à própria **Esfera de existência – já mais elevada do que aquela em que habita o outro comunicante citado – na qual ninguém mais deseja passar pela grosseira sensação terrena de se alimentar**, exprime-se de uma forma bastante diferente, observando:

"Uma das diferenças entre a vida terrena e a vida na Esfera espiritual em que me encontro consiste no fato de que **nós não temos mais necessidade de nos**

alimentar do modo como ocorre no ambiente terreno. Precisamos apenas de alimento espiritual, e há em nós um instinto que nos direciona facilmente nesse sentido. Disso resulta que se tal alimento não fosse fácil de obter. surgiriam entre nós competições e brigas para consegui-lo. No entanto, **felizmente está à disposição de todos aqueles que dele precisam...** [...]." (pág. 188-189). ([80])

6ª) ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931), autoria de James Arthur Findlay (1883-1964):

a) Do capítulo "IX – Ainda mais provas", destacamos:

Há muitos planos, mas, em cada um deles, só os que ali se acham experimentam as mesmas sensações. [...].

Reina grande atividade. Cada um tem o seu labor a executar. Servir aos outros e amar são os padrões éticos que lá prevalecem, num grau muito mais elevado do que aqui. É universal a linguagem, de sorte que todos se entendem uns aos outros. Em geral, vivem juntos os de cada nacionalidade terrena e falam a língua de que aqui usaram; há, porém, uma

linguagem comum a todos. Insistiam muito os meus informantes num ponto: em que, entre eles, é rígida a disciplina, obedecendo todos aos que exercem autoridade. Cada um se acha submetido a Espíritos mais elevados, cujas determinações e instruções têm que ser atentamente obedecidas. É um Estado bem ordenado e governado.

Não há noite como a concebemos e a luz que os banha não lhes promana do nosso Sol. Se querem repousar, podem atenuar a luz, sem que jamais se produza a escuridão, como a experimentamos. **Perguntados como se nutrem, disseram-me que comem e bebem exatamente como nós e têm do comer e do beber as mesmas sensações que nós, se bem a comida e a bebida sejam diferentes daquilo que por esses nomes designamos**. Gozam de muito maior liberdade de movimentos, visto que se deslocam de um lugar para outro com uma rapidez que nos escapa à compreensão. ([81])

b) Capítulo “X – Noites de instrução” (I), lemos:

P. – Comeis e saboreais o vosso alimento?

R. – **Comemos e bebemos, sim; porém, não como entendeis o beber e o comer**. Para nós, é uma condição mental. Saboreamos mentalmente o que comemos, não corporalmente, como vós. ([82])

7ª) ***A Vida em Outro Mundo*** (1932), autoria de Cairbar de Souza Schutel (1868-1938). Do capítulo “Perturbação da morte”, transcrevemos o seguinte trecho:

> Por isso, **o Mundo Espiritual é provido de meios que fornecem à vida do além-túmulo as condições indispensáveis para a transição.** Por exemplo, dizem as entidades do Espaço que lá existem hospitais onde são tratados aqueles que passam por longa enfermidade, e os quais, por condições de atraso, não percebem o Mundo dos Espíritos em sua realidade. **Aí são curados, e, depois, instruídos sobre a nova situação, até que se adaptem ao meio em que se acham**. [...].
>
> Assim também **sucede com a alimentação**. Aos entes muito materializados, que chegam ao Mundo Espiritual sem compreenderem a transformação porque passaram, e **têm ainda sensação de fome e sede, lhes são ministrados alimentos em instalações especiais**, até que, adaptados ao meio em que iniciaram a nova vida, compreendam que não têm mais necessidades desses alimentos, que julgavam precisos para sua manutenção. **Naturalmente, os alimentos assemelham-se muito aos que lhes**

> **eram usuais na Terra, mas são feitos de matéria peculiar ao Mundo dos Espíritos** e de acordo com o corpo fluídico, ou seja, o organismo perispiritual de cada um.
>
> **Não podíamos deixar de narrar todas essas particularidades do Mundo Espiritual, que não deixam de ser lógicas, de acordo com a lei da evolução,** que não admite bruscas transições e **que proporciona, sempre, períodos intermediários para suavizar as mudanças que ocasionam grande abalo**, e maior perturbação ainda ocasionariam, se fossem excluídos os meios precisos para essas transições. ([83])

8ª) ***A Vida no Além-túmulo*** (1971), a jornalista Ruth Montgomery (1912-2001) registra informações que lhe foram passadas pelo Espírito Arthur Ford, que psicografara. Vejamos alguns trechos:

a) Do capítulo “3 – Pensamentos são coisas”:

> "**Nós recebemos um recém-chegado com amor e de braços abertos**. A princípio, ele fica surpreso, a não ser que se tenha preparado para esse passo pelo

> estudo e meditação. **Ele tem fome e nós lhe oferecemos alimento. É um padrão de pensamento, mas para ele tão real quanto aquele que ele usava para sustentar seu corpo físico**. **Ele tem sede e nós lhe damos de beber**. Ele está fazendo a transição gradativamente e **ainda não se acostumou com a ideia de que não precisa mais de comida e bebida**. Pergunta pelos entes queridos que não vê junto de si. Alguns ainda estão em sua forma física, outros estão aqui, outros já progrediram para um estágio mais avançado ou voltaram a outro corpo terreno. Nós lhe dizemos que espere, que dentro de pouco tempo ele compreenderá mais e que enquanto isso ele pode fazer o que bem entender. […].” ([84])

A explicação quanto aos alimentos de que são criações do pensamento, porém tão real quanto aqueles que usavam para sustentar o corpo físico, quando vivo, corrobora o que foi dito em outras fontes.

b) Capítulo “11 – Domine esses maus hábitos”

> "**Os bêbados deste lado** rondam as almas terrenas que bebem demais, ansiando pelos prazeres do alcoolismo e incapazes de

> romper o laço do hábito que os prende ao corpo físico. **O mesmo se dá com os que fumam demais ou os viciados em drogas, aí ou aqui, ou os maníacos sexuais que se aproveitam dos outros para acalmar o desejo corporal de relações**. Esta é uma lição muito importante que aprendemos deste lado. [...] Aqueles que não bebem, nem fumam, nem usam entorpecentes, nem têm apetites sexuais estarão livres desses grilhões deste lado." ([85])
>
> "Você, Ruth, **fumando como fuma, não conseguirá parar aqui a não ser que primeiro largue o hábito aí**. Eu nunca resolvi completamente o problema da bebida, como você sabe, saindo da lei seca, por assim dizer, de vez em quando. **Se eu tivesse largado a bebida aí** totalmente e dado minha atenção a outras coisas, **estaria em muito melhores condições** para tratar de meu adiantamento aqui, sem esse laço terreno na direção errada. Por isso, tome cuidado. Você sabe que não gosto de dar conselhos sem ser solicitado, mas você perguntou e é esta a resposta. Abandone essas pragas viciadoras enquanto pode!" ([86])

A simples mudança de plano não nos liberta imediatamente dos vícios que tínhamos, levará um

certo tempo para que possamos nos livrar deles, mas, até lá, o nosso pensamento criará tudo aquilo que os satisfaça, promovendo uma realidade à nossa volta.

9ª) ***Os Mortos nos Falam*** (1988), autoria do pesquisador Pe. François Brune (1931-2019):

> Veremos mais adiante que tais criações do pensamento não são assim tão ilusórias. **Os mortos podem de fato, comer ou beber os alimentos que mencionam**. Os palácios que criam são realmente habitados por eles pelo tempo que desejam. **Tais realidades correspondem simplesmente ao corpo que possuem naquele momento**. ([87])

Acreditamos que, aos estudiosos de “mente aberta”, o que apresentamos com estas fontes é suficiente para confirmar a possibilidade dos Espíritos se alimentarem, particularmente, os recém-desencarnados.

Que é uma situação temporária e que seus alimentos, totalmente, fluídicos, não podem ser comparados com os que temos no plano físico, uma

vez que são realidades, e por que não, dimensões ou planos, bem diferentes um do outro.

10ª) O Espírito **Cairbar Schutel** é o responsável pelo teor de ***Alvorada Nova*** (1992), publicado pela equipe de oito médiuns do Grupo Irmã Scheilla, do Lar Escola Cairbar Schutel, Vila Morse, São Paulo (SP), sob a coordenação de Abel Glaser (?-), que, a certa altura dessa obra, diz: "*Esta, como dissemos, não é uma obra psicografada integralmente. É fruto do trabalho conjunto de encarnados e desencarnados.*" ([88]), razão pela qual estamos colocando num tópico à parte, justamente, pela singularidade dessa sua origem.

Na "Apresentação" o médium Divaldo Pereira Franco, afirma sobre o conteúdo da obra:

> [...] Estou edificado, renovado com as lições ministradas pelo nosso amado Cairbar Schutel e demais MENSAGEIROS da **Colônia "Alvorada Nova"**.
>
> **Os nossos Amigos Espirituais já haviam escrito por meu intermédio a respeito desse Lar ampliado**, o que nos levou a denominar uma das nossas Escolas de 1º Grau com essa desinência. Isso dá-me

> muita alegria e agradeço ao Alto a sua concessão de amor. ([89])

A Colônia Espiritual “Alvorada Nova” tem como coordenador o Espírito Cairbar Schutel que, segundo o que consta dessa obra, participou ativamente das informações repassadas ao grupo. Todo o livro trata da *“descrição, o funcionamento, a história, a doutrina, a administração, a finalidade e as características da Cidade Espiritual”* ([90]); portanto, como não temos como transcrevê-lo no todo, recomendamos a você, caro leitor; apenas transcreveremos algumas coisas que vão validar o que aqui citamos de outras fontes.

> […] ao final de 1986, vários médiuns do Grupo Irmã Scheilla, do Lar Escola Cairbar Schutel, começaram a receber mensagens de Cairbar a respeito de uma cidade espiritual, sendo que **ao mesmo tempo a vidência dos medianeiros teve acesso a imagens desta colônia**. […]. ([91])

> Por consenso as reuniões tiveram início em 4 de março de 1987. […]. ([92])

> Todas as linhas foram idealizadas por

Cairbar Schutel, em inúmeras mensagens descritas ou psicografadas pelos médiuns e organizadas por mim. […]. ([93])

[…] temos hoje importante projeto a discutir: vamos colocar em pauta **as novas técnicas de alimentação** na colônia e **novos processos para fomentar a produção de frutos**. Discutiremos ainda **projetos apresentados pelo Setor de Medicina para a implantação de novo soro, especialmente extraído do mel vegetal, no trabalho com os doentes internados na Casa de Repouso**. A pauta incluirá também, por fim, os pedidos e requerimentos de vários habitantes desta colônia. […]. ([94])

Núcleo de Desenvolvimento da Alimentação: liga-se esse setor ao Núcleo de Desenvolvimento da Energia, num trabalho conjunto. Cuida para que **a alimentação da Colônia** seja sempre suficiente para atender às necessidades de cada ser que lá habita, desenvolvendo um trabalho de divisão de alimentos por todas as áreas de concentração de Espíritos, **desde o hospital até a Casa da Criança**, com programa alimentício próprio para cada setor. **A distribuição de alimentos segue um programa** que considera os dados referentes ao fluxo de atendimento e as necessidades alimentares de todos os

> setores. A grande parte dos alimentos provém dos frutos colhidos no Bosque da Alimentação, os quais são processados em unidades especiais desse Núcleo de Desenvolvimento, fluidificados e encaminhados à distribuição. ([95]) (o grifo no título do Núcleo é do original)

11ª) Das "Considerações Preliminares" de ***Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias*** (2004), de autoria da médium Vânia Arantes Damo (1950-2020), destacamos a seguinte pergunta:

> 19) – ***Como é a produção de alimentos*** *e vestuário nas Colônias Espirituais?*
>
> R.: Nas Colônias mais próximas da Crosta, **as técnicas e os processos usados são muito parecidos com os utilizados na Terra**, até se confundindo com eles. **Nas Colônias mais afastadas, os processos de produção vão sofrendo modificações, de acordo com as necessidades evolutivas**.
>
> Para tudo se usa o fluido universal e a força do pensamento. ([96]) (itálico do original)

Antes de finalizar esse capítulo, não podemos

deixar de mencionar o caso XI da obra ***A Crise da Morte*** (1930), no qual Ernesto Bozzano menciona Frederic Myers (1843-1901), um dos pioneiros na pesquisa de fenômenos paranormais e cofundador da *Society for Psychical Research – SPR* ([97]), de Londres, que estudou as experiências de William Stainton Moses (1839–1892), ministro da Igreja Anglicana, (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. XI). Destacaremos o seguinte trecho do diálogo com o Espírito arcebispo Wilberforce:

> (Moses) “Quantas perguntas eu precisaria dirigir a você! As Esferas espirituais são então semelhantes ao nosso mundo?”
>
> "São, sob todos os aspectos. Entretanto, a diferença é bastante grande, uma vez que se determina uma mudança radical nas condições de existência. **A paisagem é absolutamente idêntica, mas sublimada**. Nós também temos flores, campos e árvores, animais e pássaros; só que as condições ambientais não são mais físicas, com a consequência que **nós não temos necessidade de nos alimentar**, e muito menos de matar para viver. A matéria, da forma como vocês a pensam, não mais existe para nós; **quanto aos meios de subsistência nós os assimilamos com o**

> **ar que respiramos.** Os nossos movimentos livres não são mais dificultados pela matéria, como acontece no mundo de vocês. Nós nos transportamos para toda parte com um ato de vontade. Como acontece com as crianças no plano terreno, comigo também ocorre aprender todos os dias novos conhecimentos preciosos, e com isso vou me adaptando cada vez melhor à existência espiritual. ([98])

Se entendemos corretamente, não há necessidade de se alimentar, pelo motivo de os meios de subsistência serem assimilados no ar que respiram. Isso deve ser a regra para os Espíritos já ambientados no mundo de além-túmulo.

Esses alimentos teriam alguma semelhança dos os remédios homeopáticos, será que por serem etéreos haveria necessidade de expulsão de seus resíduos do corpo perispiritual? Eis a questão...

Muitas vezes encontramos frases que sintetizam bem o nosso pensamento, como, por exemplo, esta do pesquisador James Arthur Findlay, fundador da *Glasgow Society for Psychical Research*, em 1920 ([99]): *“Unicamente os ignorantes afirmam*

que só é real o que sentimos, que nada existe fora dessa ordem de sensações.” ([100])

Finalizando esse capítulo, acreditamos que seja importante chamar a sua atenção, caro leitor, para o fato de que das onze fontes citadas, sete (63,6%) delas são anteriores a 1944, ano de publicação de *Nosso Lar*, primeira obra da série André Luiz.

Informações através do médium Chico Xavier

A grande surpresa para muitos é que a primeira obra psicografada pelo médium Chico Xavier que menciona alimentação, colônias, umbral, não foi *Nosso Lar* ditada por André Luiz. Aliás, só a citaremos, aqui nesse ebook, porquanto convém dar conhecimento ao leitor sobre o seu teor.

Aos desinformados, diremos que a 1ª obra mediúnica produzida por Chico Xavier, em que vemos tudo isso é ***Cartas de Uma Morta*** (1935), ditada pelo Espírito Maria João de Deus, sua mãe. Quanto a alimentação, tema desse ebook, nela lemos:

> Esse ambiente constitui uma grande esfera fluídica, onde todas as nossas impressões tomam corpo de realidade.
>
> **Lá existe, ainda, a nutrição, contudo, o espírito geralmente absorve os elementos, que regeneram sua**

> **vitalidade, no próprio oxigênio que respira,** em inimagináveis condições de pureza e nas mais delicadas composições químicas da atmosfera.
>
> Alguns seres, aí aportando, **necessitam, por força dos arraigados hábitos, de alimentos análogos aos da Terra**, o que obtêm por algum tempo, mas apenas na aparência de realidade, ilusão esta que é consentânea com as superficialidades do corpo somático, até que se acostumem com as novas modalidades de sua existência. ([101])

Como um pouco antes o Espírito Maria João de Deus fez referência a *“uma grande casa de socorros espirituais”*, julgamos que o “esse ambiente” tem relação direta com ela.

Dois pontos se evidenciam. Os seres que lá habitam precisam de nutrição, que é absorvida do próprio oxigênio que respiram. Isso é importante, porquanto, também é afirmado em outras fontes.

Entretanto, os recém-chegados *“necessitam, por força dos arraigados hábitos, de alimentos análogos ao da Terra”*. Análogo é algo parecido, não igual, desse modo não faz sentido algum pensar que

há necessidade de se evacuar algum resíduo deles.

Em relação às obras de André Luiz, vamos mencionar quatro delas, mas cabe a você, caro leitor, avaliar se as informações que constam nelas são coerentes ou não com o que vimos até aqui.

1ª) ***Nosso Lar*** (1943)

a) Capítulo “2 – Clarêncio”:

> A quem recorrer? Por maior que fosse a cultura intelectual trazida do mundo, não poderia alterar, agora, a realidade da vida. Meus conhecimentos, ante o infinito, semelhavam-se a pequenas bolhas de sabão levadas ao vento impetuoso que transforma as paisagens. Eu era alguma coisa que o tufão da verdade carreava para muito longe. Entretanto, a situação não modificava a outra realidade do meu ser essencial. Perguntando a mim mesmo se não enlouquecera, encontrava a consciência vigilante, esclarecendo-me que continuava a ser eu mesmo, com o sentimento e a cultura colhidos na experiência material. **Persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação**. Castigava-me a fome todas as fibras e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me

verduras que me pareciam agrestes, em torno de humildes filetes d'água a que me atirava sequioso. **Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios à nascente turva**, enquanto mo permitiam as forças irresistíveis, a impelirem-me para frente. Muita vez suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. […]. ([102])

b) Capítulo “8 – Organização de serviço”:

Fixando em mim os olhos lúcidos, prosseguiu:

– Não tem visto, nos atos da prece, nosso Governador Espiritual cercado de setenta e dois colaboradores? Pois são os Ministros de “Nosso Lar”. A colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, **divide-se em seis Ministérios**, orientados, cada qual, por doze Ministros. Temos os Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. **Os quatro primeiros nos aproximam das esferas terrestres**, os dois últimos nos ligam ao plano superior, visto que a nossa cidade espiritual é zona de transição. **Os serviços mais grosseiros localizam-se no Ministério da Regeneração**, os mais sublimes no da União Divina. Clarêncio, o nosso chefe amigo, é um dos Ministros do Auxílio. ([103])

c) Capítulo “9 – Problema de alimentação, recortes”:

[…] Rezam os anais que a colônia, há um século, lutava com extremas dificuldades para adaptar os habitantes às leis da simplicidade. **Muitos recém-chegados ao “Nosso Lar” duplicavam exigências. Queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos**. Apenas o Ministério da União Divina ficou imune de tais abusos, pelas características que lhe são próprias; no entanto, os demais viviam sobrecarregados de angustiosos problemas dessa ordem. […]. ([104])

[…] Por mais de seis meses, **os serviços de alimentação**, em “Nosso Lar”, **foram reduzidos à inalação de princípios vitais da atmosfera, através da respiração, e água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos**. A colônia ficou, então, sabendo o que vem a ser a indignação do espírito manso e justo. […]. Desde então, **só existe maior suprimento de substâncias alimentícias que lembram a Terra, nos Ministérios da Regeneração e do Auxílio**, onde há sempre grande número de necessitados. **Nos demais há somente o indispensável**, isto é, todo o serviço de alimentação obedece a inexcedível sobriedade. […]. ([105])

d) capítulo “18 – Amor, alimento das almas”:

Terminada a oração, chamou-nos à mesa a dona da casa, **servindo caldo reconfortante e frutas perfumadas, que mais pareciam concentrados de fluidos deliciosos**. Eminentemente surpreendido, ouvi a senhora Laura observar com graça:

– Afinal, **nossas refeições aqui são** muito mais agradáveis que na Terra. **Há residências, em “Nosso Lar”, que as dispensam quase por completo**; mas, **nas zonas do Ministério do Auxílio, não podemos prescindir dos concentrados fluídicos,** tendo em vista os serviços pesados que as circunstâncias impõem. **Despendemos grande quantidade de energias.** É necessário renovar provisões de força.

[...].

[...] De quando em quando, recebemos em “Nosso Lar” grandes comissões de instrutores, que **ministram ensinamentos relativos à nutrição espiritual**. Todo sistema de alimentação, nas variadas esferas da vida, tem no amor a base profunda. **O alimento físico, mesmo aqui, propriamente considerado, é simples problema de materialidade transitória**, como no caso dos veículos terrestres, necessitados de colaboração da graxa e do óleo. **A alma, em si, apenas se nutre de**

amor. Quanto mais nos elevarmos no plano evolutivo da Criação, mais extensamente conheceremos essa verdade. Não lhe parece que o amor divino seja o cibo do Universo?

Tais elucidações confortavam-me sobremaneira. Percebendo-me a satisfação íntima, Lísias interveio, acentuando:

– Tudo se equilibra no amor infinito de Deus e, **quanto mais evolvido o ser criado, mais sutil o processo de alimentação**. O verme, no subsolo do planeta, nutre-se essencialmente de terra. O grande animal colhe na planta os elementos de manutenção, a exemplo da criança sugando o seio materno. O homem colhe o fruto do vegetal, transforma-o segundo a exigência do paladar que lhe é próprio e serve-se dele à mesa do lar. **Nós outros, criaturas desencarnadas, necessitamos de substâncias suculentas, tendentes à condição fluídica, e o processo será cada vez mais delicado, à medida que se intensifique a ascensão individual**. ([106])

2ª) ***Os Mensageiros*** (1944), capítulo “25 – Efeitos da oração”:

– Já que vocês se encontram comigo num curso de serviço auxiliador, espero aproveitem o máximo ensinamento desta hora. Reparem que, nestes pavilhões, **temos mil e novecentos e oitenta**

abrigados que dormem. Todos recebem diariamente alimento e medicação comuns, mas só quatrocentos são atendidos com alimento e medicação especializados, por se mostrarem mais suscetíveis de justa melhora. Desses quatrocentos, apenas dois terços se revelaram aptos à recepção de passes magnéticos. Muitos não podem receber, por enquanto, a água efluviada. [...]. ([107])

3ª) ***Missionários da Luz*** (1945), capítulo "11 – Interseção":

Após ligeira pausa em que fixava, compadecido, a paisagem interior, prosseguiu:

– Os que desencarnam em condições de excessivo apego aos que deixaram na Crosta, neles encontrando as mesmas algemas, quase sempre se mantêm ligados à casa, às situações domésticas, aos fluidos vitais da família. Alimentam-se com a parentela e dormem nos mesmos aposentos onde se desligaram do corpo físico.

– Mas chegam a se alimentar, de fato, utilizando os mesmos acepipes de outro tempo? – indaguei, espantado, ao ver a satisfação das entidades congregadas ali, absorvendo gostosamente as emanações dos pratos fumegantes.

Alexandre sorriu e acrescentou:

– Tanta admiração, somente por vê-los **tomando alimentos pelas narinas**? E nós outros? **Desconhece você, porventura, que o próprio homem encarnado recebe mais de setenta per cento da alimentação comum através de princípios atmosféricos, captados pelos condutos respiratórios?** Você não ignora também que as substâncias cozidas ao fogo sofrem profunda desintegração. Ora, **os nossos irmãos, viciados nas sensações fisiológicas, encontram nos elementos desintegrados o mesmo sabor que experimentavam quando em uso do envoltório carnal**.

– No entanto – ponderei –, parece desagradável tomar refeições, obrigando-nos à companhia inevitável de desconhecidos e, mormente desconhecidos da espécie que temos sob os olhos.

– Mas você não pode esquecer – aduziu o orientador – que não se trata de gente anônima. Estamos vendo familiares diversos, que os próprios encarnados retêm com as suas pesadas vibrações de apego doentio. ([108])

4ª) ***Evolução em Dois Mundos*** (1958) ([109]), segunda parte, I – Alimentação dos desencarnados:

– *Como se verifica a alimentação dos Espíritos desencarnados?*

– **Encarecendo a importância da respiração no sustento do corpo espiritual**, basta lembrar a hematose no corpo físico, pela qual o intercâmbio gasoso se efetua com segurança, através dos alvéolos, nos quais os gases se transferem do meio exterior para o meio interno e vice-versa, atendendo à assimilação e desassimilação de variadas atividades químicas no campo orgânico.

O oxigênio que alcança os tecidos entra em combinação com determinados elementos, dando, em resultado, o anidrido carbônico e a água, com produção de energia destinada à manutenção das províncias somáticas.

Estudando a respiração celular, encontraremos, junto aos próprios arraiais da ciência humana, **problemas somente equacionáveis com a ingerência automática do corpo espiritual nas funções do veículo físico**, porque os fenômenos que lhe são consequentes se graduam em tantas fases diversas que o fisiologista, sem noções do Espírito, aborda-los-á sempre com a perplexidade de quem atinge o insolúvel.

[...].

Não ignoramos, desse modo, que **desde a experiência carnal o homem se alimenta muito mais pela respiração**, colhendo o alimento de volume

simplesmente como recurso complementar de fornecimento plástico e energético, para o setor das calorias necessárias à massa corpórea e à distribuição dos potenciais de força-nos variados departamentos orgânicos.

Abandonado o envoltório físico na desencarnação, **se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar** e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no autorreajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular.

Na maioria das vezes, os desencarnados em crise dessa ordem são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, **onde encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica**, recebendo-a em porções adequadas até que se adaptem aos sistemas de sustentação da Esfera Superior, em cujos círculos a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma, porquanto, pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema

porosidade, nutre-se de produtos sutilizados ou sínteses quimioeletromagnéticas, hauridas no reservatório da Natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si.

Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade. Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral.

De qualquer modo, porém, **o corpo espiritual** com alguma provisão de substância específica ou simplesmente sem ela, quando já consiga valer-se apenas da difusão cutânea para refazer seus potenciais energéticos, conta com os processos da assimilação e da desassimilação dos recursos que lhe são peculiares, **não prescindindo do trabalho de exsudação dos resíduos, pela epiderme ou pelos emunctórios normais,** compreendendo-se, no entanto, que pela harmonia de nível, nas operações nutritivas, e pela essencialização dos elementos absorvidos, **não existem para o veículo psicossomático determinados excessos e**

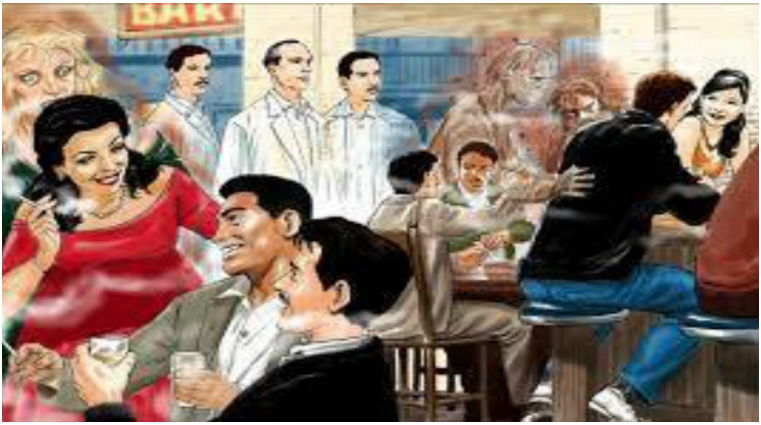
inconveniências dos sólidos e líquidos da excreta comum.

Uberaba, 16/4/58. ([110])

O capítulo de origem foi psicografado pelo médium Waldo Vieira. Sinceramente, é bem difícil a sua compreensão. Até nos ocorreu que, talvez, tenha ocorrido animismo da parte dele, especialmente se verificarmos que, na ciência que denominou de Conscienciologia ([111]), gostava de criar termos novos.

Não temos condições de avaliar se, de fato, persistem "*as necessidades fisiológicas*" com o consequente *"trabalho de exsudação dos resíduos, [...] pelos emunctórios ([112]) normais"*, designação pomposa para o ato de defecar.

Há uma situação inusitada que de certa forma se liga à condições dos Espíritos na erraticidade cuja narração encontramos no livro ***Nos Domínios da Mediunidade***, também psicografada por Chico Xavier. A situação que será apresentada se aproxima bem ao que se vê nesta imagem ilustrativa ([113]):



Do capítulo “15 – Forças viciadas”, transcrevemos o trecho em que a dupla André Luiz e Hilário, em companhia do assistente Áulus, entram em um “*restaurante barato*” ([114]):

> A casa de pasto regurgitava...
>
> Muita alegria, muita gente.
>
> **Lá dentro**, certo recolheríamos material adequado a expressivas lições.
>
> Transpusemos a entrada.
>
> As emanações do ambiente produziam em nós indefinível mal-estar.
>
> **Junto de fumantes e bebedores inveterados, criaturas desencarnadas** de triste feição se demoravam expectantes.
>
> **Algumas sorviam as baforadas de**

fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que as expulsavam, **nisso encontrando alegria e alimento**. **Outras aspiravam o hálito de alcoólatras impenitentes**.

Indicando-as, informou o orientador:

– Muitos de nossos irmãos, que já se desvencilharam do vaso carnal, **se apegam com tamanho desvario às sensações da experiência física**, que se cosem àqueles nossos amigos terrestres temporariamente desequilibrados nos desagradáveis costumes por que se deixam influenciar.

– Mas por que mergulhar, dessa forma, em **prazeres dessa espécie**?

– Hilário – disse o Assistente, bondoso –, o que a vida começou, a morte continua... Esses nossos companheiros **situaram a mente nos apetites mais baixos do mundo, alimentando-se com um tipo de emoções** que os localiza na vizinhança da animalidade. Não obstante haverem frequentado santuários religiosos, não se preocuparam em atender aos princípios da fé que abraçaram, acreditando que a existência devia ser para eles o culto de satisfações menos dignas, com a exaltação dos mais astuciosos e dos mais fortes. O chamamento da morte encontrou-os na esfera de impressões delituosas e escuras e, como é da Lei que cada alma receba da vida de conformidade com aquilo que dá, **não**

> **encontram interesse senão nos lugares onde podem nutrir as ilusões que lhes são peculiares**, porquanto, na posição em que se veem, temem a verdade e abominam-na, procedendo como a coruja que foge à luz. ([115])

Da mesma forma que alguns Espíritos procuram os “prazeres” da bebida, outros os buscam nos alimentos, cada qual naquilo que lhe convém.

Essa narrativa seria ficção ou uma realidade? Eis a questão! Vejamos o que de interessante poderemos encontrar nestas duas obras:

1ª) Em ***Uma Olhada no Além*** (Parte I – 1933, Parte II – 1935 e Parte III – 1936), temos mensagens ditadas, entre 1932 a 1936, do Espírito Alcar ao médium Jozef Rulof. Da Parte III, destacamos o seguinte trecho:

> O André [pseudônimo atribuído ao médium] via pessoas que se livraram das mãos dos outros, mas ainda não se conseguiam libertar, porque continuavam vagueando nas proximidades deles. Vários foram, como ele, assaltados e arrastados. Viu outros fugirem, porque conheciam as

suas festas e não queriam mais ter a ver com isso. Enquanto isso, o edifício todo se enchia completamente e também eles entravam. Ainda ele se encontrava na sua própria esfera, logo Alcar se ligaria a ele. Aqui **centenas de seres estavam juntos**, em todo o lado via sofás e **nas mesas havia garrafas com um tipo de líquido em que todos se fartavam**. Será que isso representa vinho? **Era realmente vinho que eles bebiam? Vinho, na vida após a morte? Não dava para acreditar**. Era como se estivesse vivendo na Terra. Realmente, viu que despejava algo que se assemelhava a vinho. **Os que bebiam, faziam caretas terríveis, devia ser uma bebida medonha**.

"Vinho, Alcar?"

"Vinho, André, mas aconselho a não beber disso, queimaria a sua alma. **É um líquido caseiro que eles mesmos prepararam de ingredientes que conhecem e possuem**. **Eles possuem bebida**, mas eu não ofereceria a nenhum animal. **As suas almas escuras** estavam a ser consumidas por este líquido. **Eles podem tudo, André, só não podem entrar numa esfera mais elevada**."

Muitos bebiam do líquido como se estivessem morrendo de sede. E o que via agora, não dava para acreditar: **eles pagavam com dinheiro.**

“Vejo bem, Alcar?”

“Muito bem observado! Não poderiam agir de outra forma. Eles possuem ouro e prata para enfeitar as suas mulheres; por que não possuiriam dinheiro? Porém, tudo é falso, como a sua vida toda é. **Aqui se tem tudo, porque a vida não é diferente de quando estavam na Terra**. Os que querem uma vida assim chegarão aqui numa mesma situação e tentarão alcançar uma mesma vida no espírito. Por que a sua vida seria diferente da Terra? É que não é possível. As suas paixões são as mesmas das que sentiam naquela vida e carregavam interiormente. Eu lhe disse, agora há pouco; **o que se percebe aqui é o reflexo da Terra,** mas aqui o Mal está reunido. [...]. Nesta vida se tenta divertir. Você vê, há vida, **há mulheres e homens juntos, mas todos bestializados**. O que um não sabe, o outro inventa, mesmo que lhes queime as almas. [...] **Tudo que vive aqui procura meios para se satisfazer e também os encontrará**. [...].” ([116])

2ª) ***Voltar do Amanhã*** (1978), que narra a experiência de quase morte – EQM do Dr. George G. Ritchie (1923-2007), ocorrida em dezembro de 1943. Tomaremos do capítulo 5:

Aos poucos, comecei a reparar em algo mais. **Todas as pessoas vivas que nós estávamos observando traziam em torno de si mesmas uma pálida luminescência,** semelhante a um campo elétrico que sobrepairava à superfície de seus corpos. **Tal luminosidade acompanhava-as em seus movimentos, como se fosse uma segunda pele, feita de luz pálida e quase imperceptível.**

De início, pensei que se tratasse de um reflexo do brilho da Pessoa que permanecia ao meu lado [pensava ser Jesus]. Todavia, não notava reflexo nenhum, por exemplo – nos edifícios em que entrávamos, nem nos objetos inanimados. **Percebi que tampouco era observável nos seres não-físicos**. Via, agora, que nem o meu próprio corpo possuía aquela espata esmaecida.

Estávamos assim, quando a luz conduziu-me para dentro de um bar churrascaria sujo, perto do que parecia ser uma grande base naval. **Uma porção de pessoas, marinheiros** – em sua maioria –, fazia uma fila de dar voltas, dentro do estabelecimento, enquanto outras socavam as botas de madeira na parede. **Alguns poucos tomavam cerveja, mas a maior parte parecia entornar uísque** tão rápido quanto rápidos pudessem ser os dois suados garçons.

> **Observei, então, uma coisa chocante. Uma parte dos homens que estavam de pé dentro do bar pareciam incapazes de levar os drinques até aos lábios**. Seguidamente, **tentavam agarrar as doses ao alcance da mão; estas, porém, passavam através das canecas, do balcão de madeira de lei e, até mesmo, dos braços e corpos dos beberrões à volta deles.**
>
> Faltava a cada um desses indivíduos a auréola de luz que circundava os outros. ([117])

Não temos como definir, mas acreditamos que esses Espíritos, mencionados nessas duas transcrições, eram recém-desencarnados, ainda presos aos vícios terrenos, no caso, o da ingestão de bebidas alcoólicas.

É aqui que precisamos fazer uma distinção, para que não se faça confusão como estamos vendo da parte de alguns confrades. O ser “necessário” é coisa bem diferente de “desejar”, ou seja, os Espíritos desejam as bebidas, mas não têm necessidade delas. Assim, ao se falar em alimentos deve se fazer essa distinção para não cair em erro.

Vejamos os parágrafos finais do capítulo 5 de ***Voltar do Amanhã***:

> **Seres aparentemente feitos de luz sustentavam aquela planície toda infelicidade**. Suas dimensões e seu brilho enceguecedor haviam sido os responsáveis pelo fato de minha inapreensibilidade no que a eles respeitava. [...].
>
> Esses **seres brilhantes não seriam anjos**? E a luz ao meu lado... não seria também um anjo? [...] Seria incrível que cada um desses outros espectros humanos – desventurados e indignos como eu também, estivesse na Sua presença? **Numa região onde espaço e tempo não mais obedeciam a qualquer lei que eu conhecesse**, poderia Ele estar acompanhando cada um deles como acompanhava a mim?
>
> Ignorava-o. Tudo o que com clareza eu percebia era **o fato de que nenhum daqueles seres atrabiliários fora abandonado. Eles estavam recebendo assistência; velava-se por eles.** E o fato igualmente observável era que nenhum deles tinha conhecimento do que se passava. Se Jesus ou Seus anjos estavam falando com eles, era pacífico que não ouviam nada. **A torrente de rancor nascida em seus próprios corações era**

> **ininterrupta**; seus olhos só buscavam um pobre circunstante para humilhar. Ter-me-ia parecido impossível desconhecer os mais impressionantes e avantajados componentes de toda a paisagem, salvo porque, de mim mesmo, não tivera olhos de ver.
>
> Agora que me conscientizara dessas presenças brilhantes, na realidade compreendi o aturdimento em que vira tanta gente mergulhada, sem sequer perceber o fato, enquanto Jesus poderia, a qualquer tempo, desvelar-me a realidade, bastando que, para tanto, eu estivesse pronto. **Havia também anjos povoando as cidades vivas que tínhamos visitado**. Tinham estado presentes nas ruas, nas fábricas, nos lares e **até mesmo naquele áspero bar**, onde ninguém tinha **mais consciência da existência deles do que eu mesmo**. ([118])

A afirmação de que “*o fato de que nenhum daqueles seres atrabiliários fora abandonado*” corrobora o que sem dissemos: “Deus não abandona a ninguém”. Vemos aí no relato a ação de Espíritos evoluídos a favor dos desgraçados, que ainda não se conscientizaram da necessidade de trabalhar a favor de sua própria evolução moral.

Acreditamos ser interessante ver o que o Dr. Ricardo Di Bernardi, falou em sua obra ***Gestação: Sublime Intercâmbio*** (1993), no capítulo “O corpo espiritual no mecanismo reencarnatório”, porquanto poderá nos ajudar na compreensão do tema:

> Conforme expusemos no capítulo anterior, **o perispírito é composto de unidades estruturais que se apresentam em vibração constante**. Sabemos pelos mais elementares princípios da física, que todo corpo em movimento (vibração) no Universo gasta energia. As leis da física não são leis humanas mas sim leis divinas às quais estão sujeitos todos os elementos do cosmo. **Há portanto um desgaste energético natural do corpo espiritual que necessita ser alimentado por fontes de energia**.
>
> Dependendo do nível evolutivo do espírito, e consequente densidade do perispírito, varia a qualidade de energia que o mesmo necessita para manter suas atividades. Espíritos superiores simplesmente absorvem do cosmo os elementos fluídicos que necessitam. Ao se colocarem em oração, sintonizam com níveis energéticos ainda mais elevados que os seus, aurindo para si o influxo magnético revitalizador, recarregando suas “baterias”

espirituais. Com relação aos espíritos mais relacionados com a nossa realidade, ou seja que ainda apresentam dificuldades em superar as tendências egoísticas, portanto traduzindo na configuração de seu corpo espiritual uma organização mais densa, as necessidades são proporcionalmente densas.

Em muitas colônias espirituais, os espíritos precisam da ingestão de alimentos energeticamente mais densos, fazendo-o de forma muito semelhante a nós encarnados. **Recomendamos a propósito, o estudo da obra "Nosso Lar" do autor espiritual André Luiz**, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

As unidades energéticas do espírito, ou núcleos em potenciação, com o passar dos anos vão tendo cada vez maior dificuldade de se recarregar quanto mais primitiva for a evolução da entidade espiritual. Ocorre um desgaste progressivo das unidades energéticas, que passam a vibrar cada vez mais lentamente.

À medida que as vibrações se tornam mais lentas pelo desgaste e a dificuldade de reposição das energias vai se processando uma neutralização energética com redução progressiva das atividades do espírito. Quando este processo se instala vai determinar um torpor ou sonolência da entidade, impelindo-a à Reencarnação.

> Assim, as reencarnações compulsórias acabam ocorrendo pela necessidade evolutiva do ser e pelo mecanismo da lei que cria condições necessárias para que ela se processe.
>
> Sugerimos a leitura de “Palingênese a Grande Lei”, de Jorge Andréa. ([119])

Essas explicações do Dr. Ricardo Di Bernadi, foram inseridas nesse capítulo pelo motivo dele ter feito referência à obra “Nosso Lar”, psicografada por Chico Xavier.

Ao dizer “*Há portanto um desgaste energético natural do corpo espiritual que necessita ser alimentado por fontes de energia*”, corrobora a nossa suspeita de que o perispírito precisaria de reposição energética. Assim, não estamos sozinhos nessa ideia – para alguns bem “maluca”, porém, a maluquice de hoje poderá ser a verdade no amanhã.

Encerramos esse capítulo com a seguinte frase do astrônomo francês Camille Flammarion para nossa reflexão: *“Todos nós temos uma tendência a querer tudo explicar pelo estado atual dos nossos conhecimentos.”*

Será que, de fato, os Espíritos recém-desencarnados dormem ou repousam?

Inicialmente não pensávamos em tratar desse tema, mas quando estávamos com a “mão na massa” na pesquisa sobre alimentação nos surgiram várias referências sobre ele como que “por acaso”.

Do tópico “Perturbação espiritual”, questões 163 a 165, do capítulo “III – Retorno da vida corpórea à vida espiritual” de ***O Livro dos Espíritos***, Livro Segundo, destacamos estes dois parágrafos iniciais do comentário de Allan Kardec:

> No momento da morte, tudo, a princípio, é confuso. A alma precisa de algum tempo para se reconhecer; **acha-se como que aturdida, no estado de um homem que despertou de profundo sono e procura compreender a sua situação**. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam à medida que se apaga a influência da matéria da qual acaba de se libertar, e se dissipa a espécie de nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.

> **A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável. Pode ser de algumas horas, como de vários meses e até de muitos anos.** É menos longa naqueles que, desde a vida terrena, se identificaram com o seu estado futuro, pois esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram. ([120])

A comparação do período de perturbação à situação de uma pessoa que se encontra aturdida, como que acaba de despertar de um profundo sono é bem interessante, diante dos relatos dos Espíritos e comentários de pesquisadores que em breve veremos.

No capítulo “VII – As experiências de renovações da memória”, de ***A Reencarnação*** (1924), o autor Gabriel Delanne (1857-1926) esclarece:

> Sabemos que a separação entre o espírito e a matéria produz um **período de perturbação, durante o qual a alma não tem consciência exata de sua nova situação. Ela fica como em um sonho**, e ora ignora todo o mundo material que acaba de deixar, ora tem vagas percepções, que,

> misturando-se com suas lembranças, lhe dão uma espécie de existência anormal, comparável ao delírio que acompanha certas doenças terrestres. [...]. ([121])

O pesquisador Gabriel Delanne, da mesma forma que o Codificador, diz que, nesse período, a alma "*fica como em um sonho*".

Na ***Revista Espírita 1866***, mês de junho, foi publicado o artigo "Visão retrospectiva de diversas encarnações de um Espírito – Sono dos Espíritos". Inicialmente, vejamos esta parte do depoimento do Espírito do Dr. Cailleux:

> A questão dos fluidos que são o fundo de vossos estudos desempenhou um papel muito grande no fato que vos assinalei na última sessão. Posso, hoje, vos explicar melhor o que se passou, e, em lugar de vos dizer que eram minhas conjecturas, posso vos dizer o que me relevaram os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.
>
> **Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento**, eu estava, por assim dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão

de Deus, deveria resultar disto uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa, e além disso o encorajamento para caminhar num caminho que meu Espírito segue há um bom número de existências.

Estava, pois, adormecido por um sono magnético-espiritual; vi o passado se formar em um presente fictício; reconheci as individualidades desaparecidas em consequência dos tempos, ou antes que não tinham sido senão um único indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra deixada esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Nisso cheguei a ver em menos tempo do que emprego para vo-lo dizer, de idade em idade, se formar, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não era senão as primeiras tentativas de um cérebro ocupado de estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto, e quando cheguei ao último desses seres que, sucessivamente, tinham levado um complemento à obra, então me reconheci. Ali, tudo se desvanecendo, revivi o Espírito ainda atrasado de vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para disso tirar vaidade, longe disto, mas antes para vos fornecer um assunto de estudo, em vos falando do sono espiritual, que, sendo elucidado por vossos guias, não pode senão me ser útil, porque assisto a todos os vossos

trabalhos.

Vi, nesse sono, os diferentes corpos que meu Espírito animou há um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastar dos princípios que o primeiro tinha elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que a minha teoria ensinava.

Com tudo isto permaneço sempre vosso devedor; mas se o permitirdes, virei vos pedir lições, e algumas vezes vos dar a minha opinião pessoal sobre certas questões.

Dr. CAILLEUX. ([122])

Agora sim, vem o trecho mais interessante, contendo a explicação de Allan Kardec:

ESTUDO

Há aqui um duplo ensinamento: primeiro, é o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono que lhe foi a consequência; e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que animou.

Há, pois, para os Espíritos, uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corpóreo e o

estado espiritual. **Trata-se aqui, é verdade, do sono magnético, mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto não teria nada de surpreendente, quando se veem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corpóreo, que tomam seu corpo fluídico por um corpo material**, que creem trabalhar como o faziam sobre a Terra, e que lhe sentem a fadiga. **Se eles sentem a fadiga, devem sentir a necessidade do repouso, e podem acreditar se deitar e dormir**, como creem trabalhar, e ir em estrada de ferro. Dizemos que o creem, para falar do nosso ponto de vista; porque tudo é relativo, e **com relação à sua natureza fluídica, a coisa é inteiramente tão real quanto as coisas materiais o são para nós**.

Não são senão os Espíritos de uma ordem inferior que têm semelhantes ilusões; quanto menos são avançados, mais seu estado se aproxima do estado corpóreo. Ora, esse não pode ser o caso do doutor Cailleux, Espírito avançado que se dá perfeitamente conta de sua situação. Mas nisso não é menos verdadeiro que teve a consciência de um entorpecimento análogo ao sono durante o qual viu suas diversas individualidades.

Um membro da sociedade explica esse fenômeno desta maneira: **No sono**

> **humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve ser o mesmo no estado espiritual; o sono magnético ou outro não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e o Espírito deve se encontrar num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo**, quer dizer, conservar a consciência de seu ser. As diferentes encarnações do Sr. Cailleux, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam se apresentar a ele, como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.
>
> **Esta explicação é perfeitamente lógica; foi confirmada pelos Espíritos** que, provocando o relato do doutor Cailleux, quiseram nos fazer conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo. ([123])

O ponto que vale a pena ressaltar é quando o Codificador disse *“mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto não teria nada de surpreendente, quando se veem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corpóreo, que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que creem trabalhar como o faziam sobre a Terra, e que lhe sentem fadiga.”*

Em ***A Crise da Morte*** (1930), encontraremos referência ao sono, tanto nas comunicações dos Espíritos quanto nos comentários de Ernesto Bozzano. Vejamos os seguintes trechos:

> 1º) Caso I – Juiz Edmonds (Comentário de Ernesto Bozzano)
>
> [...] o espírito que está em comunicação **menciona uma circunstância que confere com as informações cumulativas obtidas sobre o mesmo tema por muitos outros espíritos desencarnados comunicantes,** ou seja, que apenas nos casos excepcionais de mortes súbitas, sem nenhum tipo de sofrimento, e combinadas com estados de espírito serenos, **seria possível enfrentar-se a crise da desencarnação sem a necessidade de um período mais ou menos longo de sono restaurador**. Ao contrário, nos casos de morte após longa doença, ou em idade avançada, ou ainda com a mente absorta em preocupações terrenas ou oprimida pelo terror da morte, ou mesmo simplesmente, mas firmemente, convencida da aniquilação final, **os espíritos desencarnados ficariam sujeitos a um período mais ou menos longo de um sono restaurador.** ([124])

2º) Caso II – Dr. Horace Abraham Akley

"Como acontece com muita gente, o meu espírito não chegou tão facilmente a libertar-se do corpo. Sentia que me soltava gradativamente dos vínculos orgânicos, mas estava em condições de consciência pouco lúcidas e **tinha a sensação de estar sonhando**. [...] Ao mesmo tempo senti como se estivesse sendo erguido acima do meu cadáver, a uma pequena distância dele, de onde percebia nitidamente as pessoas que formavam um círculo em torno do meu corpo. Não saberia dizer por que poder eu cheguei a me erguer e a me equilibrar no ar. Depois deste evento, **suponho ter passado um período relativamente longo em condições de inconsciência, ou de sono (o que, de resto, ocorre comumente, embora isso não se realize em todos os casos)**, e cheguei a tal conclusão pelo fato de que quando revi o meu corpo sem vida ele jazia em condições de avançada putrefação. [...]." ([125])

3º) Caso V – Tiny, filho de Mrs. Platts

"**Quase todos os desencarnados passam por um período de sono restaurador, que tanto pode durar um dia ou dois, como pode durar semanas e meses**; isso está relacionado às circunstâncias do transpasse de cada um.

No meu caso, eu havia morrido repentinamente, não tinha sofrido nem passado por doenças extenuantes; ainda assim, **fiquei em sono profundo por cerca de uma semana**, pois a minha morte, repentina demais, provocara uma brusca separação do 'corpo fluídico' do meu 'corpo somático', com um golpe considerável sobre o primeiro.

"No caso de haver entre os espíritos recém-chegados alguns vinculados por grandes afetos com outros espíritos já há tempo desencarnados, **estes acorrem ao seu encontro antes que passem pela fase do sono restaurador**. Não pode haver felicidade maior do que esses encontros no mundo espiritual, após longas separações que pareciam definitivas. E por mais que os espíritos saibam que terão de se separar temporariamente mais uma vez, eles não se entristecem com isso, pois sabem que tais separações não são mais a mesma coisa. **Quando então os espíritos recém-chegados despertam do sono restaurador, os guias de cada um deles intervêm a fim de ensiná-los sobre a natureza do treinamento espiritual reservado a cada um...**" ([126])

Dos comentários de Ernesto Bozzano:

Outro ***detalhe fundamental*** **absolutamente concordante em todas**

as revelações transcendentais é aquele em que se mencionam **as fases de sono restaurador, às quais estariam sujeitos quase todos os espíritos recém-chegados**; sobre isso deve-se observar que **todas estão de acordo também em indicar as causas que tornariam necessário tal período de absoluto repouso do espírito**. ([127])

4º) Caxo VII – Hattie Jordan, irmã desencarnada de Florence

"Minha querida Florence, eu havia lido em sua alma como em um livro aberto, e medira a imensidão do seu desespero. Só havia um remédio: manifestar-me a você no mais curto espaço de tempo possível. [...] Quando o meu velho corpo foi enterrado, as ideias se organizaram na minha cabeça, e me lembrei de algumas conversas que os nossos amigos Grace e Florizel tinham tido conosco, e assim surgiu a ideia de chegar até você através deles. Entretanto, **não demorei a me dar conta de que eu estava em condições de cansaço profundo**; e eis que vem ao meu encontro a mamãe, com outros espíritos, entre os quais um que me disse ser o meu espírito-guia. **Mamãe me conduziu a um lugar onde eu tinha de parar, descansar, dormir a fim de me revigorar pela absorção de energia espiritual.** Porém, antes de me dispor a dormir, perguntei a ela: 'Diga-me se

é possível me comunicar com Grace e Florizel.' Respondeu: 'Sei por que você pergunta. Vou tentar e verei o que posso fazer. Por enquanto você deve se preocupar em ir dormir.' **Não sei durante quantos dias se prolongou o meu sono**, mas quando despertei mamãe me disse que havia estado com os nossos amigos no momento em que utilizavam uma curiosa mesinha, sobre a qual outros espíritos presentes transmitiam aos vivos o seu pensamento, fazendo-os escrever. Acrescentou que ela também tentara escrever, chegando a transmitir estas poucas palavras: 'Florence precisa de ajuda.'" ([128])

5º) Caso X – Um jovem soldado

"Uma vez que o espírito comunicante havia informado que naquele período, em que a guerra persistia mais furiosa do que nunca, ele tinha como tarefa assistir aos soldados mortos nos campos de batalha, foram solicitadas informações a esse respeito, e ele respondeu da seguinte maneira:

"'Eles chegam ao mundo espiritual com os sentimentos que tomavam conta deles no momento da morte. Alguns ainda julgam estar combatendo, e então temos de acalmá-los. Outros acreditam ter enlouquecido, por causa do ambiente que se

transformou repentinamente em torno deles. Tudo isso não deve surpreendê-los, pois vocês podem bem imaginar em que tremendo estado de tensão, muito próximo da loucura, ocorrem as batalhas. Há outros que julgam ter sido gravemente feridos sem ter tomado consciência do fato; e isso, na verdade, foi o que aconteceu com eles, com a diferença de que eles imaginam ter sido transportados para um hospital de campanha e pedem explicações sobre o estado em que se encontram. É nosso dever antes de tudo tentar distraí-los, acalmá-los, e apenas gradativamente fazer com que compreendam o verdadeiro significado da sua presença no hospital em que julgam se encontrar. Há alguns que recebem a notícia da própria morte com verdadeiro júbilo: são aqueles que na terrível vida de trincheira haviam ultrapassado os limites extremos da resistência humana. O mesmo não ocorre com outros que deixam no mundo pessoas amadas com grande ternura; neste caso, é nosso dever levá-los gradativamente à compreensão do seu estado, com o máximo de tato e delicadeza. **Há ainda outros tão cansados e esgotados** que não lhes resta energia suficiente para entristecer-se com nada, e **estes não demoram a entrar no período do sono reparador**. Há por fim aqueles que previram a sua morte iminente, por terem visto o projétil descer do céu, e aguardavam o fim com a explosão

inevitável.

Entre estes há **muitos que são tomados pelo sono** logo ao desencarnar, e isso acontece quando o conceito que tinham da morte era o aniquilamento; dessa maneira, **o período de sono restaurador harmoniza-se com as convicções que cada um tem a respeito do assunto**. Estes não precisam de explicações ou de ajuda até o final do período de descanso, que às vezes revela-se bastante demorado, quando as suas convicções acerca da inexistência da alma estavam profundamente enraizadas...' ([129])

Continua assim o Espírito:

"**Quando ocorre o despertar do sono, as coisas mudam**, e é um estado de espírito estranho, difícil de explicar; mas farei o melhor que puder...

"'**Antes do sono**, conserva-se sempre em parte a ilusão de que ainda se é a mesma pessoa de antes. **Tal estado de perplexidade gera cansaço, o espírito sente necessidade de descansar, de dormir, e por fim cai no sono**. Durante o sono ocorrem transformações consideráveis; só que eu não estou em condições de colocá-lo a par disso. **Compreenda que não se trata de sono que vocês conhecem; mas, de qualquer forma, está é a melhor analogia para lhes dar**

uma ideia; além do mais, vocês sabem como mesmo no sono fisiológico ocorrem fenômenos que não se chega a explicar. O fato é que, quando o espírito desperta, ele se sente um ser diferente. Ele sabe que está em meio espiritual e que é um espírito; assim como no mundo dos vivos despertamos algumas vezes com uma pergunta resolvida, a qual nos parecia insolúvel antes de adormecermos.

"'**Aqueles que desencarnam com a plena consciência da existência de uma vida de além-túmulo não têm necessidade de dormir**, **a não ser que cheguem ao mundo espiritual exaustos por uma longa doença, ou deprimidos por uma existência de atribulações**. Na prática, porém, quase todos têm necessidade de um período de sono mais ou menos longo, e **quanto maior a dificuldade do espírito em adaptar-se às novas condições, tanto mais longo é o período de sono**.

"'Agora **vou contar a vocês as minhas impressões quando despertei do sono**. Tinha plena consciência de estar vivo, dizer que em mim não mais existia aquele estado de incerteza pelo qual se tem a ilusão de julgar-se ainda no mundo sonhar. Compreendem o que quero dizer?'

"– Sim, perfeitamente.

"– Depois de despertar, ao contrário,

sabe-se, conhece-se. Não se tem mais a impressão de sonhar. Os espíritos muitos baixos, que permanecem vinculados à Terra (*earthbound*), **não têm o benefício do sono restaurador** e em consequência continuam na ilusão de julgar-se ainda vivos e à mercê de um sonho curioso. Portanto, lembrem-se de que os espíritos vinculados à Terra, ou espíritos 'infestadores', são os que vivem permanentemente nessa ilusão..." ([130])

Dos comentários de Ernesto Bozzano:

Passando para outras informações importantes contidas na mensagem em questão, observo o valor sugestivo do parágrafo no qual se mencionam os espíritos muito baixos, cujas paixões e aspirações terrenas permaneceriam tão dominantes a ponto de vinculá-los por um tempo mais ou menos longo ao ambiente em que viveram. **Excluídos do benefício do sono reparador**, eles ficariam permanentemente na ilusão de se julgarem ainda vivos, mas à mercê de um sonho curioso. [...]. ([131])

6º) Caso XIII – Ex-membro do círculo experimental da casa Peckham.

"**Seguiu-se então um longo período de sono profundo**. Era o esquecimento total, durante o qual me foi dito que as forças espirituais, em virtude de leis

imutáveis, preparavam tranquilamente o grandioso processo do renascimento espiritual. Depois de cumprido o milagre, **chegou para mim o glorioso momento do despertar, e com a recuperação da consciência** tive a certeza benéfica de haver efetivamente passado da morte em ambiente terreno para a existência na morada espiritual: para uma vida que é vida de verdade! é o que se lê na Bíblia. E a alegria, a paz, a calma e a beatitude tomaram conta de mim e me levaram a um estado de suprema felicidade... (págs. 43-44 [132]). (133)

7º) Caso XVII – Miss Felicia Scatcherd (Comentários de Ernesto Bozzano)

Observa-se, entretanto, que a crise da morte foi mais fácil do que o habitual para essa entidade comunicante. Ainda assim, ela também conta ter experimentado a fugaz sensação de flutuar no espaço. Informa, além disso, que jamais acreditou estar morta, mas sim de ter subitamente alcançado a cura, apesar dessa impressão também ter tido curta duração. Ela também viu o próprio cadáver no leito de morte; **passou pelo período de sono, ainda que muito breve**; teve a "visão panorâmica" dos eventos da sua vida, ainda que sob a forma de uma série de recordações felizes que lhe invadiram a mente. Então apareceram-lhe os seus entes queridos, e

entre eles a própria mãe. [...]. ([134])

8º) Caso XVIII – James Blair Williams (Dos comentários Bozzano)

Só me resta analisar a mensagem exposta do ponto de vista especial aqui considerado. Observo, portanto, que no que diz respeito à "crise da morte", revela-se nela uma variedade de experiências, ou melhor, de impressões, as quais divergem mais ou menos das impressões descritas por numerosos outros espíritos comunicantes; no entanto, tais variações resultam da natureza prevista, quando se revelou como os próprios espíritos declaram, que "nenhum peregrino vindo do mundo dos vivos chega ao mundo maravilhoso pela mesma porta"; isso parece logicamente inevitável, uma vez que o ambiente e a existência espirituais são puramente mentais, e que não pode haver no nosso mundo duas individualidades intelectual e moralmente idênticas. A não ser isso, nós observamos que a mensagem exposta concorda com todas as outras no que diz respeito aos *detalhes fundamentais* sobre a existência espiritual. De fato, observamos que o espírito, por sua vez, refere-se sucessivamente às situações em que viu o próprio corpo no leito de morte durante um certo tempo, ignorando que estava morto; **passou depois por um período de sono ou de inconsciência**, seguido da prova da

"visão panorâmica" de todos os acontecimentos da sua vida, e **foi finalmente acolhido no mundo espiritual pelos seus parentes desencarnado**s. Nos *detalhes secundários*, destaco um em que ele está de pleno acordo com os outros espíritos, ao informar que verificou, com surpresa, que no mundo espiritual não existe a noção de tempo. ([135])

9º) Caso XXI – Uma dedicada mãe (Dos comentários de Ernesto Bozzano)

No episódio exposto assiste-se ao trânsito em plano espiritual de uma alma bela que por "lei de afinidade" gravita em uma Esfera elevada do ambiente "astral". Compreende-se, portanto, que os acontecimentos da sua passagem venham a resultar bem diferentes das vicissitudes pelas quais passam em grande maioria os demais espíritos que desencarnam. Em consequência, verifica- se que na narração exposta não se faz referência a duas circunstâncias proeminentes nas análogas experiências anteriormente relatadas. A primeira consiste no detalhe dos espíritos que não percebem que estão mortos; a outra, no fenômeno da "visão panorâmica" de todas as vicissitudes vividas, fenômeno ou "prova" que quase não podia faltar na "crise da morte" para as almas que desencarnam em condições de espiritualidade normais. Viu-se, entretanto, que no episódio em questão **a**

personalidade comunicante relata ter acordado perfeitamente consciente de estar morta e de se encontrar no mundo espiritual, enquanto não menciona em momento algum quaisquer lembranças surgidas na sua consciência, nem durante a agonia, nem depois do despertar.

Excetuando-se isso, **a sua narração concorda em cada detalhe com as outras descrições do gênero**. De fato, **ela passa por uma fase de sono restaurador, que se harmoniza com o sono da morte, de forma a poupar-lhe os estados de ansiedade e de confusão inerentes à crise suprema**. Além disso, ela é acolhida no mundo espiritual pela formação compacta dos espíritos dos desencarnados que ela amou em vida; também se revela que ela se encontra em forma humana no plano espiritual. Deve-se por fim observar que ela informa que naquele mundo os espíritos conversam por transmissão de pensamento, que aquele ambiente é uma cópia espiritualizada do plano terreno e que o pensamento e a vontade espirituais são forças criadoras. Sobre este último item é oportuno atentar para um *detalhe secundário* que está perfeitamente de acordo com o que afirmam os demais espíritos comunicantes: que a configuração da paisagem "astral" é constituída por uma série de criações do pensamento e da vontade de entidades

espirituais muito elevadas, colocadas no governo das Esferas espirituais inferiores. Nesse caso *as criações são imutáveis*. Já as outras, ao contrário, são transitórias e extremamente mutáveis, enquanto resultado da concretização do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, ao projetar o ambiente desejado no momento. ([136])

10º) Caso XXV – Rodolfo Valentino

"Os últimos sacramentos!

"Quando a cerimônia solene chegou ao fim, eu me sentia já muito distante do plano terreno. O meu estado mental havia mudado. A Igreja me sustentava como com uma forte mão amiga. Eu não estava mais só. Não tive mais medo. Depois, as pessoas à minha volta começaram a ficar indistintas. Silêncio. Trevas. **Inconsciência**.

"Não posso avaliar o tempo em que permaneci naquele estado. **Como se estivesse despertando de um longo sono profundo**, abri os olhos, experimentando ao mesmo tempo uma sensação de estar sendo rapidamente jogado para o alto. E encontrei-me envolvido por uma maravilhosa luz azulada. Então vi, chegando ao meu encontro, 'Black Feather' (o espírito-guia indiano do próprio Valentino, quando servia de médium), Jenny e Gabriella, minha mãe!

“Eu estava morto!

“Eu estava vivo!

“Essas, Natacha, as primeiras lembranças da minha passagem.” ([137])

Na Conclusão de ***A Crise da Morte***, Ernesto Bozzano, resume a lista de detalhes fundamentais (doze) e secundários (oito), dos quais, respectivamente, destacamos:

Eis **os *detalhes fundamentais*** sobre os quais estão de acordo os espíritos comunicantes (salvo as inevitáveis exceções, que confirmam a regra, e que intervêm às vezes modificando, abreviando, eliminando algumas das habituais experiências inerentes à crise da morte, ou então determinam a manifestação de outras experiências incomuns no período inicial da existência espiritual). Todos afirmam que:

1.°) Reencontraram-se em forma humana no mundo espiritual.

2.°) Ignoraram, durante algum tempo, ou mesmo por um longo tempo, que estavam mortos.

3.°) Passaram, durante a crise anterior à agonia, ou pouco depois, pela prova de rememoração sintética de todos os

acontecimentos da sua existência (“visão panorâmica” ou “epílogo da morte”).

4.°) Foram acolhidos no mundo espiritual pelos espíritos dos seus familiares ou amigos.

5.°) **Passaram quase todos por uma fase mais ou menos longa de sono restaurador**. ([138])

Entre **os *detalhes secundários*** observados nos casos citados enfatizo os seguintes:

1.°) Os desencarnados comunicantes mostram concordância no afirmar que os espíritos dos familiares intervém para acolher e orientar os recém-chegados, **antes que se inicie para eles a fase do sono restaurador**.

2.º) Quando narram ter visto o próprio cadáver no leito de morte, na maioria das vezes mencionam unanimemente o fenômeno do “corpo etéreo”, que se condensa acima do “corpo somático”: detalhe que além do mais concorda com o que sempre afirmaram os “videntes” aos quais foi dado encontrar-se à cabeceira dos moribundos.

3.°) Todos são unânimes ao informar que enquanto podem existir individualidades de seres vivos absolutamente idênticas na Terra, o mesmo não acontece no além, onde

não há individualidades desencarnadas tão idênticas a ponto de terem de percorrer a mesma trajetória para a sua elevação espiritual; desta maneira, mesmo para as assim chamadas “almas gêmeas” da existência terrena chega o momento em que devem separar-se no mundo espiritual, embora possam sempre se rever quando o desejarem.

4.°) Eles estão de acordo ao afirmar que mesmo que os espíritos tenham condições de criar mais ou menos bem, com a força do pensamento, tudo de que necessitam, ainda assim quando se tratar de criações muito complexas ou mais importantes, a tarefa é confiada a grupos de espíritos que se especializaram nesse sentido.

5.°) Eles também concordam quando afirmam que o**s espíritos desencarnados dominados pelas paixões humanas permanecem vinculados ao ambiente terreno em que viveram, e isso por um período de tempo mais ou menos longo, com a consequência de que, não tendo o benefício do sono restaurador**, continuam na ilusão de se julgar ainda vivos, embora se sintam tomados por um sonho curioso ou por um pesadelo oprimente; neste caso, é muito frequente eles se tornarem “espíritos infestadores”. ([139])

Com esses casos pesquisados por Ernesto Bozzano, sem dúvida alguma, podemos ter como fato a passagem por um sono regenerador, talvez pela maioria dos Espíritos encarnados neste planeta de provas e expiações.

De ***Cartas de Uma Morta*** (1935), que anteriormente citamos, vamos transcrever os seguintes trechos relacionados ao tema:

> Nas paragens da erraticidade **nem todos os lugares são estâncias de repouso,** de aprendizagem ou bem-estar. Há regiões obscuras, atopetadas de amargores, formadas pelas consciências polutas que as povoam. ([140])

> Temos aqui instrumentos semelhantes a barcos salvadores, onde **alguns espíritos conseguem se transportar para o nosso meio, para se entregarem a tratamento e a repouso que lhes são necessários**, porém, as condições psíquicas dessas almas são muito lamentáveis. [...] A todos buscamos oferecer o concurso de nossa assistência, todavia é difícil lograrmos um resultado imediato e efetivo. ([141])

Eis aí, o relato de Maria João de Deus que, por

mais estranho que possa parecer para alguns confrades, vem nos informar que alguns Espíritos também repousam.

Nos diálogos do Espírito Arthur Ford com a jornalista e médium Ruth Montgomery, registrados na obra ***A Vida no Além-túmulo*** (1971), encontramos:

> "**Durante algum tempo a alma em trânsito pode dormir**, especialmente se houve algum choque violento ou enfraquecimento mental. Deste lado, **permitem que ela durma até se mexer e parecer sentir necessidade de um contato com aqueles deste lado, por sua própria vontade**. Mas às vezes a travessia é tão suave que parece uma brisa de verão. Isso se deu no meu caso, pois eu conhecia o suficiente do que estava por vir para aceitar de boa vontade a perda da casca que era o meu corpo doente. A dor cessou, o espírito partiu e cá estava eu no meio de uma tal beleza que você nem pode imaginar. **O *aqui* não era diferente do *ali*** a não ser que, suprimida a necessidade de confortos físicos, só restava a beleza do mundo." ([142])

Se considerarmos que o dormir seja um período de repouso, temos que muitos dos recém-desencarnados passam por um intervalo de tempo variável conforme seu estágio evolutivo.

Ainda que os trabalhadores do plano espiritual só usem a mente, há um momento que precisam “repousar” um pouco, embora não seja tal como o dos encarnados.

Conclusão

Quanto ao título desse ebook, julgamos oportuno fazermos uma observação, pois o normal e, certamente, esperado seria "**Alimentação dos Espíritos errantes**", mas optamos por utilizar "recém-desencarnados", porquanto, em relação a esses, sim, temos informações de várias fontes que confirmam que recebiam alimentos da parte daqueles que os socorriam e orientavam.

Pode até ser que, de uma forma geral, todos se alimentam, como nos pareceu em algumas fontes, mas a nossa impressão é que ainda aqui haverá diferença entre os recém-chegados ao mundo do além-túmulo daqueles que já se encontram lá por algum tempo.

As fontes que apresentamos servem para que sejam comparadas umas com as outras a fim de verificar se as informações nelas contidas passariam pelo Controle Universal.

Ademais, não temos a mínima intenção de justificar que, pelo fato de conter em determinada obra, seja verdadeiro, especialmente, as de André Luiz, que são objeto de constantes ataques da parte dos espíritas mais ortodoxos.

Em ***Cartas de Uma Morta***, temos um trecho bem oportuno à nossa pesquisa:

> **Muitos encarnados**, que têm ouvido as diversas explanações **quanto à vida dos espíritos nos planos da erraticidade**, fazem uma falsa concepção do vocábulo, **imaginando que a existência errática das entidades se processa por jornadas intermináveis**, sem um objetivo definido, **sem uma organização que regule o fenômeno das suas atividades nos espaços**.
>
> Essa maneira de encarar a questão não é verdadeira, pois, **a vida no Além, decorre em um ambiente que, pelas suas características fluídicas, escapa à vossa compreensão**, já que, dentro do vosso meio de matéria muito condensada, vos faltam as leis da analogia para que possais estabelecer uma comparação. ([143])

A impressão que temos é que grande parte dos

espíritas acham que no além-túmulo haverá apenas duas opções: ou se estará "*ouvindo anjos tocando harpa*" ou ardendo em um caldeirão na profundeza do inferno. Maria João de Deus foi certeira ao dizer, bem "na lata": *"a vida no Além, decorre em um ambiente que, pelas suas características fluídicas, escapa à vossa compreensão."*

Para ilustração, vejamos do artigo "Ocupações dos Espíritos", publicado na ***Revista Espírita 1866***, mês de junho, a seguinte fala do Espírito Gui...:

> A faculdade que tem o Espírito liberto de se dirigir por toda a parte por um simples efeito de sua vontade, permite-lhe encontrar um meio onde suas faculdades possam se desenvolver pelos contrastes e a diferença de ideias. **Quando da separação do Espírito e do corpo, se é conduzido, por almas simpáticas**, junto daqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.
>
> Naturalmente, fui acolhido por amigos, mais incrédulos do que eu; mas como nesse mundo tão desprezível, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos brilham, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se tornam a difusão de luzes. Chamado, pela

> curiosidade, **a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações**, estudando-lhes todos os lados que devem elucidar o Espírito chamado a retornar sobre a Terra, fiz uma grande ideia da reencarnação. ([144])

Nas obras da Codificação não encontramos informações detalhadas sobre *"grupos numerosos que preparam outras encarnações"*. Os que os compõem seriam ajudados por outros Espíritos?

Por outro lado, em que consistiria essa ajuda? Teriam Espíritos que se especializaram no processo de reencarnação? Vê-se, portanto, que o Espiritismo carece de desenvolvimento de milhares de detalhes de cada um de seus princípios. O que confirma o que apresentamos na Introdução.

Também poderemos perguntar: *"Os parentes e amigos que nos recebem no regresso ao mundo espiritual, também não poderiam nos ajudar a adaptar à nova realidade que viveremos por algum tempo?"* Sabendo do nosso apego à matéria, deixar-nos-iam, por exemplo, "morrer de fome"?

Achamos que Ernesto Bozzano, em ***A Crise da***

Morte, nos explicará quanto a isso:

"Diante disso, pergunta-se o que há de absurdo, de ridículo, de inconciliável com a existência espiritual em tudo o que descrevem os espíritos comunicantes. Ao contrário, poderíamos dizer que **não há nada mais racional, do ponto de vista psicológico e terapêutico, do que os processos de desintoxicação que se realizariam nas esferas espirituais, a fim de libertar gradualmente os espíritos desencarnados dos vícios adquiridos durante a existência terrena**; processos **em tudo semelhantes aos adotados na Terra para 'desintoxicação' dos 'alcoólatras' e dos 'toxicômanos'**, aos quais não se interrompem bruscamente os seus hábitos – uma vez que isso provocaria desordens funcionais extremamente graves –, mas sim seguindo-se uma pequena aplicação, cada vez menor, das doses de álcool ou de drogas. **Vale, portanto, a pena perguntar-se mais uma vez: por que se deveria considerar absurda e ridícula a notícia de que no mundo espiritual se segue o mesmo sistema racional de 'desintoxicação' dos vícios contraídos na Terra pelos espíritos desencarnados?** Não são então idênticas as leis psicológicas que governam o espírito

> humano encarnado e desencarnado? E, se assim é, por que os processos de 'desintoxicação' eficazes e indispensáveis em um estado de existência não deverão resultar tão eficazes e indispensáveis no outro? [...]. ([145])

Entendemos que a linha de raciocínio de Ernesto Bozzano é bem lógica e racional, razão pela qual não temos motivo algum para não comungar com o pensamento dele.

Retornando à mensagem de Gui..., pois ainda gostaríamos de evidenciar algo, por isso preferimos deixar a sua transcrição em separado:

> **Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas ideias às decisões do grupo a que pertence.** Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou à Terra; procuram entre vós elementos de aplicação. **O Espírito aconselhado, fortificado, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem protestar**. Terá **em sua peregrinação terrena uma multidão de Espíritos invisíveis, que não o perderão de vista; tendo**

> **participado em seus trabalhos preparatórios**, eles aplaudem os seus resultados, os esforços a vencer, a sua vontade firme que, dominando a matéria, lhe permitiu trazer aos outros encarnados um contingente de quitação e de amor, isto é, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, que as dita em todas as afirmações da Ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito, quando sabe resolvê-las num sentido racional. ([146])

Pelo que foi dito, existem Espíritos com a missão de ajudar aos que querem encarar uma nova encarnação. Eles instruem os candidatos, possivelmente, mostrando-lhes o melhor caminho a seguir diante de sua meta evolutiva. E depois, quando encarnados, continuam prestando-lhes assistência, inspirando em suas resoluções quanto ao progresso moral.

Ora, o que vemos é um cuidado todo especial que os Espíritos de um certo nível evolutivo tem em ajudar aos retardatários. Bom, voltamos a questionar: *“Não fariam nada para abrandar-lhes a sede de continuar apegados aos vícios que se*

compraziam como encarnados?”

Nos chamou a atenção o último parágrafo do artigo “Mediunidade vidente nas crianças”, publicado na ***Revista Espírita 1866***, mês de setembro, que tem o seguinte teor:

> É lamentável que nosso correspondente não tenha tido a ideia de questionar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava; teria podido assegurar-se se essa conversação tinha realmente lugar com os seres invisíveis; e, neste caso, teria podido tirar dela uma instrução tanto mais importante quanto nosso correspondente, sendo um Espírita muito esclarecido, poderia dirigir com utilidade essas perguntas. O que quer que isso seja, muitos outros fatos provam que a mediunidade vidente é muito comum, **se mesmo não é geral nas crianças, e isto é providencial; ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm procurá-la em seu retorno**. Mostram-se-lhes nos primeiros tempos, a fim de que não haja transição muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança crescendo pode agir em virtude de seu livre arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus

olhos, mas sem perdê-la de vista. [...]. ([147])

Se, como dito, há uma providencial intenção de evitar que todas as crianças têm vidência, por qual razão os Espíritos não teriam nenhum interesse em ajudar aos recém-chegados no além-túmulo? Não poderiam lhes oferecer, por determinado tempo, o que precisam, ou melhor, o que "pensam precisar" para satisfazer seus vícios? Portanto, o argumento de Ernesto Bozzano é bem no sentido de também dar uma resposta racional a essa pergunta.

Julgamos oportuno trazer a opinião do Dr. Ary Lex (1916-2001), renomado pesquisador espírita, cuja obra mais conhecida é *Pureza Doutrinária*. Nossa fonte será a obra ***Chico Xavier: 40 Anos no Mundo da Mediunidade***, autoria de Roque Jacintho(1928-2004):

> Assim que tomamos contato com a **obra "Nosso Lar", ditada pelo Espírito de André Luiz**, chocamo-nos com uma série de explicações suas a respeito da vida no outro plano. **Tínhamos a impressão de que se tratava mais de noções fantasistas**, do que propriamente de fundo

científico, porque não estávamos acostumados a conhecer detalhes do que se passa naquele plano.

A alimentação dos espíritos, os ônibus aéreos, os trajes que se desgastavam, o coro das mil vozes e até uma revolta ocorrida quando foi suprimida a alimentação mais grosseira isso nos chocou e relutamos em aceitá-las. Tivemos até oportunidade, nessa época, de conversar com Batista Lino e ele transmitiu essa relutância ao médium Chico Xavier. Todavia, **com o aparecimento das duas obras seguintes, "Os Mensageiros" e "Missionários da Luz"**, principalmente esta última, **vimos que André Luiz começara a trazer explicações mais sólidas, mais estribadas em conhecimentos científicos modernos, notadamente da Biologia e da Fisiologia**. Então, vários daqueles aspectos que nos tinham impressionado mal, deixando-nos em dúvida, **passaram a tornar-se mais claros, mais aceitáveis dentro do aspecto científico**. ([148])

Portanto, temos aí o Dr. Ary Lex falando do seu espanto inicial quanto a vários pontos de Nosso Lar, mas que tornaram-se "*mais aceitáveis dentro do aspecto científico*".

Para finalizar, trazemos a seguinte frase do notável físico Albert Einstein (1879-1955): *“Tudo aquilo que o homem ignora não existe para ele. Por isso o universo de cada um, se resume ao tamanho do seu saber.”*

Referências Bibliográficas

BARKER, E. ***Cartas de Um Morto-vivo***. São Paulo: Lake, 2011.

BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.

BOZZANO, E. ***Os Enigmas da Psicometria***. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

BRUNE, F. ***Os Mortos nos Falam***. Sobradinho (DF): Edicel, 1991.

DAMO, V. A. ***Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias***. Distrito Federal: Auta de Souza, 2014.

DELANNE, G. ***A Reencarnação***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DI BERNARDI, R. ***Gestação: Sublime Intercâmbio***. Londrina (PR): Livraria e Editora Universalista, 1993.

DOYLE, A. C. ***História do Espiritismo***. São Paulo: Pensamento, 1990.

FINDLAY, J. A. ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada***. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

GLASSER, A. ***Alvorada Nova***. Matão (SP): O Clarim, 2000.

JACINTHO, R. ***Chico Xavier: Quarenta Anos no Mundo da Mediunidade***. São Paulo: Editora Luz no Lar, 1991.

KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1868***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1869***. (PDF) Brasília: FEB, 2009.

KARDEC, A. ***Revue Spirite*** (PDF). Tours, França: Union Spirite Francais et Franchophone, 2003.

LODGE, O. ***Raymond: Uma Prova da Existência da Alma***. São Paulo: Lake, 2012.

MONTGOMERY, R. ***A Vida no Além-túmulo***. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.

OWEN, G. V. ***A Vida Além do Véu***. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

RITCHIE, G. G. e SHERRIL, E. ***Voltar do Amanhã***. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

ROHDEN, H. ***Lampejos Evangélicos***. São Paulo: Martin Claret, 1995.

RULOF, J. ***Uma Olhada no Além***. Alkmaar, Holanda: Fundação Associação Espiritual – Científico "O Século de Cristo", 2015.

SCHUTEL, C. ***A Vida no Outro Mundo***. Matão (SP): O Clarim, 2011.

SINGH, S. S. ***Visões do Mundo Espiritual***. (PDF), 2ª edição. A Voz do Vento (site), 2020.

SILVA NETO SOBRINHO, P. ***Perispírito: Provas Científicas de ser Molde do Corpo Físico***, que a Ethos Editora está trabalhando para publicá-lo em breve.

XAVIER, F. C. ***Cartas de Uma Morta***. São Paulo: Lake, 1981.

XAVIER, F. C. ***Missionários da Luz***. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. ***Nos Domínios da Mediunidade***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. ***Nosso Lar***. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

XAVIER, F. C. ***Os Mensageiros.*** Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. ***Evolução em Dois Mundos***. Rio de janeiro: FEB, 1987.

Internet

BLOG BRUNO TAVARES, *Alcoolismo*, disponível em: https://blogdobrunotavares.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/07/festaalcool.jpg. Acesso em: 12 jun. 2025.

CEAEC – *O que é a Conscienciologia?*, link: https://campusceaec.org/conheca-a-conscienciologia/. Acesso em: 31 jul. 2025.

GUIA HEU, *Willian Crookes e o Espírito Katie King materializado*, link: https://www.guia.heu.nom.br/images/KatieKing_001.jpg. Acesso em: 23 ago. 2024.

LETRAS, *Peixe vivo (cantiga popular)*, disponível em: https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/984001/. Acesso em: 05 jun. 2024.

MEU DICIONÁRIO, *Emunctório*, disponível em: https://www.meudicionario.org/emunct%C3%B3rio. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *No Mundo Espiritual, Nada de Ficar Ouvindo Anjos Tocando Harpa,* disponível em: https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-nada-de-ficar-ouvindo-anjos-tocando-harpa. Acesso em: 30 dez. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/perispirito-e-as-polemicas-a-seu-respeito-o-ebook. Acesso em: 25 jul. 2024.

SLIDESHARE, *A reencarnação de Segismundo*, autoria de Marta Gomes, disponível em: https://image.slidesharecdn.com/areencarnacaodesegismundo-191231003815/75/A-reencarnacao-de-segismundo-41-2048.jpg. Acesso em: 01 jul. 2024.

TAVARES, L. *"Um fanático espírita é uma aberração", diz Herculano Pires*, disponível em: https://se-novaera.org.br/um-fantico-esprita-uma-aberrao-diz-herculano-pires/. Acesso em: 07 jun. 2024.

WIKIPÉDIA, *Arthur Findlay*, disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Arthur_Findlay. Acesso em: 19 jun. 2024.

WIKIPÉDIA, *Frederic Myers,* disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Frederic_Myers. Acesso em: 25 jul. 2024.

Dados Biográficos do autor

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; e 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 18*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?;* 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita;* e 32) *Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 227.

2 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.

3 ROHDEN, *Lampejos Evangélicos*, p. 189.

4 TAVARES, *"Um fanático espírita é uma aberração", diz Herculano Pires*, disponível em: https://se-novaera.org.br/um-fantico-esprita-uma-aberrao-diz-herculano-pires/

5 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 81.

6 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 159.

7 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 159-160.

8 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 66-67.

9 Recomendamos nosso ebook "*No Mundo Espiritual, Nada de Ficar Ouvindo Anjos Tocando Harpa*", disponível em: https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-nada-de-ficar-ouvindo-anjos-tocando-harpa

10 DENIS, *Depois da Morte,* p. 217-218.

11 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 212.

12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 264.

13 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 192

14 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 60-61.

15 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 73.

16 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 157.

17 KARDEC, *Revista Espírita 1866,* p. 185.

18 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 263.

19 SLIDESHARE, *A reencarnação de Segismundo*, autoria de Marta Gomes, disponível em: https://image.slidesharecdn.com/areencarnacaodesegismundo-191231003815/75/A-reencarnacao-de-segismundo-41-2048.jpg

20 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 70.

21 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 316.

22 KARDEC, *Revista Espírita 1858,* p. 71.

23 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 243.

24 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 280.

25 LETRAS, *Peixe vivo (cantiga popular)*, disponível em: https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/984001/

26 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 139-140.

27 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 211.

28 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 216-217.

29 KARDEC, *Revue Spirite*, p. 216.

30 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 217.

31 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 69-70.

32 SILVA NETO SOBRINHO, *Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/perispirito-e-as-polemicas-a-seu-respeito-o-ebook

33 Os seguintes autores espíritas citam Claude Bernard: 1º) Albert de Rochas: *As Vidas Sucessivas*; 2º) Ernesto Bozzano: *Pensamento e Vontade* e *Fenômenos de Transporte*; 3º) Gabriel Delanne: *A Evolução Anímica* e *A Reencarnação;* 4º) Gustave Geley: *Resumo da Doutrina Espírita*; 5º) Léon Denis: *No Invisível*, *O Porquê da Vida, Cristianismo e Espiritismo* e *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*; 6º) Cairbar Schutel: *A Vida no Outro Mundo*; 7º) Jorge Andréa dos Santos: *Correlação Espírito-matéria*; 8º) José Herculano Pires: *Curso Dinâmico de Espiritismo*, *O Espírito e o Tempo*, *Relação Espírito-corpo*, *Revisão do Cristianismo* e *No Limiar do Amanhã: Conversa Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*; e 9º) *Zalmino Zimmermann*: Perispírito.

34 CHILD, link: https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/386395/MIG_TESIS.pdf.txt;jsessionid=BE135AFDE2F3F421709533C304586831?sequence=2

35 WIKIPÉDIA, *Eugênio Vittorio Rignano*, link: https://en.wikipedia.org/wiki/Eugenio_Rignano

36 MONDUCCI, *O Perispírito e os Campos Morfogenéticos* in *Perispírito: Concepções e Pesquisas*, p. 159

37 WIKIPÉDIA, *Hans Spemann,* link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Spemann

38 WIKIPÉDIA, *Wolfgang Köhler*, link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfgang_K%C3%B6hler

39 GUIA HEU, *Willian Crookes e o Espírito Katie King materializado*, link: https://www.guia.heu.nom.br/images/KatieKing_001.jpg

40 KARDEC, *Revista Espírita 1858,* p. 180.

41 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 383.

42 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 156-158.

43 Informação do próprio Codificador: KARDEC, *Revista Espírita 1869* – FEB, p. 265.

44 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 83.

45 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 319.

46 KARDEC, *Obras Póstumas,* p. 49.

47 KARDEC, *A Gênese*, p. 157. Ver também “Crescimento e decrescimento do volume da Terra”, publicado na *Revista Espírita 1868*, mês de setembro, artigo “Crescimento e decrescimento do volume da Terra”, p. 257.

48 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 331.

49 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 18.

50 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 333-334.

51 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 295.

52 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 57; KARDEC, *Revista Espírita 1861*, mês junho, artigo “Sobre o Perispírito”, assinado por Lamennais, p. 189.

53 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 202-203.

54 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 139-140.

55 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 241.

56 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 322.

57 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 295.

58 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 87-88.

59 N.T.: *Posthumous Spirit Teachings*, *Light*, 1899, pág. 603.

60 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 81.

61 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 339.

62 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 172-174.

63 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 172.

64 DENIS, *Depois da Morte*, p. 216.

65 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 339.

66 BARKER, *Cartas de um Morto-vivo*, p. 41.

67 BARKER, *Cartas de um Morto-vivo*, p. 86.

68 LODGE, *Raymond: Uma Prova da Sobrevivência da Alma*, p. 120-121.

69 LODGE, *Raymond: Uma Prova da Sobrevivência da Alma*, p. 188-190.

70 Nota da Transcrição (N.T.): “The New Revelation”, pág. 146.

71 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 480-481.

72 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 57.

73 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 22-23.

74 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 74.

75 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 88.

76 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 92.

77 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 113.

78 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 113.

79 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 122.

80 BOZZANO, *A Crise da Morte,* p. 122-123.

81 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 129-130.

82 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, 137.

83 SCHUTEL, *A Vida no Outro Mundo*, p. 67.

84 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo,* p. 46.

85 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 152.

86 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 158.

87 BRUNE, *Os Mortos nos Falam*, p. 158.

88 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 22.

89 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 13.

90 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 188.

91 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 17.

92 GLASER, *Alvorada Nova,* p. 17.

93 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 20.

94 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 56-57.

95 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 123.

96 DAMO, *Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias*, p. 19-22.

97 WIKIPÉDIA, *Frederic Myers*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Frederic_Myers

98 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 81-82.

99 WIKIPÉDIA, *Arthur Findlay*, disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Arthur_Findlay

100 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 131

101 XAVIER, *Cartas de Uma Morta,* p. 30.

102 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 22-23.

103 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 51.

104 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 54-55.

105 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 57.

106 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 100-101.

107 XAVIER, *Os Mensageiros,* p. 137-138,

108 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 128.

109 Psicografada pelos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira.

110 XAVIER e VIEIRA, *Evolução em Dois Mundos*, p. 167-170.

111 "A conscienciologia é uma neociência proposta pelo pesquisador brasileiro Waldo Vieira, que se dedica ao estudo da consciência e suas diversas manifestações. Ela investiga a consciência como uma entidade autônoma que transcende o corpo físico e se manifesta em múltiplas dimensões e existências. A conscienciologia busca um entendimento amplo e integral da consciência, considerando suas relações com o corpo, a energia e o ambiente." (CEAEC – *O que é a Conscienciologia?*, link: https://campusceaec.org/conheca-a-conscienciologia/)

112 MEU DICIONÁRIO, *Emunctório: "adjetivo, substantivo masculino ANATOMIA designativo de qualquer órgão, abertura ou canal excretor"*, disponível em: https://www.meudicionario.org/emunct%C3%B3rio

113 BLOG BRUNO TAVARES, *Alcoolismo*, disponível em: https://blogdobrunotavares.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/07/festaalcool.jpg

114 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 137.

115 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 138-139.
116 RULOF, *Uma olhada no Além, Parte III*, p. 527-528.
117 RITCHIE e SHERRILL, *Voltar do Amanhã*, p. 54.
118 RITCHIE e SHERRILL, *Voltar do Amanhã*, p. 60-61.
119 DI BERNARDI, *Gestação: Sublime Intercâmbio*, p. 27-28.
120 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 117.
121 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 175-176.
122 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 176-177.
123 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 177-178.
124 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 14-15.
125 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 16.
126 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 34.
127 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 35-36.
128 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 45-46.
129 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 67-68.
130 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 70-71.
131 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 77-78.
132 Da obra *A Heretic in Heaven*.
133 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 95.
134 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 133.
135 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 141.
136 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 175-176.
137 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 201.
138 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 246.
139 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 248.
140 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 44.
141 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p.81-82.
142 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 23.

143 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 22.

144 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 184-185.

145 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 75-76.

146 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 185.

147 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 288.

148 JACINTHO, *Chico Xavier: Quarenta Anos no Mundo da Mediunidade*, p. 181-182.